

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

Jéssica dos Passos Coletto

**ASSEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: PERCEPÇÕES DE
PESSOAS ASSEXUAIS ACERCA DE SUA EDUCAÇÃO SEXUAL
ESCOLAR**

Santa Maria, RS
2022

Jéssica dos Passos Coletto

**ASSEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: PERCEPÇÕES DE
PESSOAS ASSEXUAIS ACERCA DE SUA EDUCAÇÃO SEXUAL
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do diploma de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Taís Fim Alberti

Santa Maria, RS
2022

Jéssica dos Passos Coletto

**ASSEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: PERCEPÇÕES DE
PESSOAS ASSEXUAIS ACERCA DE SUA EDUCAÇÃO SEXUAL
ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Psicologia, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como
requisito parcial para a obtenção do diploma
de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em 12 de agosto de 2022:



Taís Fim Alberti, Dr.a (UFSM)
(Orientadora)



Samara Silva dos Santos, Dr.a (UFSM)



César Augusto Nunes Bridi Filho, M.e (FISMA)

Santa Maria, RS
2022

De uma ameba para outra.

RESUMO

ASSEXUALIDADE E DIVERSIDADE SEXUAL: PERCEPÇÕES DE PESSOAS ASSEXUAIS ACERCA DE SUA EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR

AUTORA: Jéssica dos Passos Coletto

ORIENTADORA: Taís Fim Alberti

A assexualidade pode ser definida como um espectro no qual os indivíduos não experienciam atração sexual, ou sentem atração com baixa frequência e/ou sob circunstâncias específicas. Este trabalho considera a assexualidade como uma orientação sexual, em decorrência de esta ser a perspectiva prevalente entre indivíduos assexuais e ser uma forma de legitimar sua luta política. Ao buscar interseccionar a assexualidade com a educação, esta pesquisa volta seus olhos para a educação sexual escolar, em razão da escola ser um dos principais espaços de socialização, proporcionando que os alunos descubram como se vêem e são vistos pelo mundo, assim como, as diferenças pessoais entre eles. A fim de compreender como a educação sexual escolar ocorre no país, buscou-se discorrer sobre documentos nacionais que norteiam os currículos escolares brasileiros. O presente estudo propôs, então, buscar a literatura sobre a perspectiva da diversidade sexual para o ensino em educação sexual, a qual diz respeito às diferentes formas de expressões da sexualidade, afetividades e identidades. Frente a isto, se tem como objetivo compreender como pessoas assexuais experienciaram seu processo de educação sexual no ambiente escolar. Esta pesquisa, de caráter qualitativo, teve como participantes 10 pessoas que se autoidentificam como assexuais e que responderam a um questionário online sobre assexualidade e educação sexual. Como resultados, indica-se que a educação sexual escolar não abarcou as necessidades de pessoas assexuais, tal como a diferenciação entre atração sexual e amorosa, e que a assexualidade nunca chegou a ser mencionada nesses ambientes. A educação sexual dos participantes teve um viés biologicista e heteronormativo, assim excluindo qualquer perspectiva de trabalho interdisciplinar ou sobre diversidade sexual. Os participantes indicaram que seria necessário incluir em seu processo educativo discussões sobre assexualidade, diversidade sexual, consentimento, conhecimento sobre o próprio corpo e outras nuances pertinentes não apenas à assexualidade. Ainda, constata-se que a relação entre pares no ambiente escolar no período da adolescência é um fator importante no processo de diferenciação assexual-sexual. Além disso, a falta de conhecimento sobre a assexualidade nesse período pode fazer com que algumas pessoas sejam mais suscetíveis a realizarem atos sexuais com os quais não se sintam confortáveis e, também, sintam como se algo estivesse errado consigo. Com este estudo, espera-se promover a visibilidade da assexualidade, a sua normalização e auxiliar na construção de uma educação mais inclusiva pautada no respeito à diversidade sexual.

Palavras-chave: Assexualidade. Educação sexual. Diversidade sexual.

ABSTRACT

ASEXUALITY AND SEXUAL DIVERSITY: ASEXUAL PEOPLE'S PERCEPTIONS ABOUT THEIR SCHOOL SEX EDUCATION

AUTORA: Jéssica dos Passos Coletto

ORIENTADORA: Taís Fim Alberti

Asexuality can be defined as a spectrum in which individuals do not experience sexual attraction, or feel attraction infrequently and/or under specific circumstances. This work considers asexuality as a sexual orientation since this is the prevailing perspective among asexual individuals and a way of legitimizing their political struggle. In an effort to intersect asexuality with education, this research concentrates on school sex education. The reason for this choice is that the school is one of the main spaces for socialization, allowing students to learn how they see themselves and are seen by the world, as well as the personal differences between them. To understand how school sex education takes place in the country, we discuss national guidelines that regulate Brazilian school curricula. Therefore, the current study searched the literature on sexual diversity aimed at the teaching of sex education, which concerns the different forms of expression of sexuality, affections, and identities. Given this, the goal is to understand how asexual people experienced their sexual education process in the school environment. This qualitative research had as participants ten people who self-identify as asexual and who answered an online survey about asexuality and sex education. In our findings, it is shown that school sex education did not cover the needs of asexual people, such as the differentiation between sexual and amorous attraction, and that asexuality was never even mentioned in these environments. The sex education that the participants had contact with had a biological and heteronormative bias, thus excluding any perspective of interdisciplinarity or sexual diversity. Participants indicated that it would be necessary to include in their educational process discussions about asexuality, sexual diversity, consent, knowledge about their own bodies, and other nuances not only about asexuality. Furthermore, it appears that the relationship between peers in the school environment during adolescence is an important factor in the asexual-sexual differentiation. Also, that the lack of knowledge about asexuality during this period can make some people more susceptible to performing sexual acts that they are not comfortable with, plus feel as if something is wrong with them. Finally, with this study, we expect to promote the visibility of asexuality and its normalization, and help build a more inclusive education based on respect for sexual diversity.

Keywords: Asexuality. Sex education. Sexual diversity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA	5
1.1 ASSEXUALIDADE.....	5
1.1.1 Movimento histórico da assexualidade: das primeira pesquisa às comunidades online brasileiras.....	5
1.1.2 Definições de assexualidade.....	8
1.1.3 A assexualidade e suas nuances	14
1.2 EDUCAÇÃO SEXUAL CURRICULAR NO BRASIL E A PROPOSTA DA DIVERSIDADE SEXUAL.....	17
1.2.1 Documentos federais referentes à educação sexual escolar.....	17
1.2.2 A perspectiva da Diversidade Sexual e interlocuções com a assexualidade	19
2 JUSTIFICATIVA	22
3 MÉTODO	24
3.1 PARTICIPANTES.....	24
3.2 DELINEAMENTO.....	25
3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS.....	26
3.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS.....	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 Educação sexual escolar: a experiência assexual.....	30
4.2 O processo de diferenciação: as relações de pessoas assexuais com seus pares no ambiente escolar.....	35
4.3 Diversidade sexual: apontamentos para uma educação sexual mais inclusiva.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	48
APÊNDICE A – JUSTIFICATIVA PARA AUSÊNCIA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL.....	48
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	37
APÊNDICE C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS.....	40
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE ASSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL.....	41
APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO.....	48

1 INTRODUÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

A presente pesquisa visa abordar as intersecções entre a educação sexual escolar e as vivências de pessoas assexuais. Com o objetivo de compreender como pessoas assexuais experienciaram seu processo de educação no ambiente escolar, se elas tiveram suas necessidades abarcadas, quais as influências desse ambiente em sua autodescoberta e quais suas sugestões para um currículo mais inclusivo. Para isso, foi criado um questionário de “Assexualidade e Educação Sexual” *online* com perguntas abertas e fechadas, publicado no principal fórum assexual do país.

A revisão de literatura está estruturada em dois macro tópicos que buscam aprofundar o tema e embasar a pesquisa, o primeiro trabalha a história e conceituação de assexualidade, bem como suas nuances. O segundo tópico foca na bibliografia que analisa a educação sexual nos documentos educacionais norteadores do país. Isso com a finalidade de compreender, idealmente, como essa educação deveria ser trabalhada no Brasil para, então, criar um parâmetro de comparação com os relatos dos participantes. Ao final desse é descrita a proposta da diversidade sexual e como esta vai ao encontro das necessidades de pessoas assexuais em educação sexual.

1.1 ASSEXUALIDADE

1.1.1 Movimento histórico da assexualidade: das primeira pesquisa às comunidades online brasileiras

A assexualidade esteve presente entre os achados de pesquisas sobre sexologia desde, no mínimo, a década de 40. Nos relatórios Kinsey, para investigar o comportamento sexual humano, os pesquisadores utilizaram uma escala de 0 a 6 (0-exclusivamente heterossexual e 6-exclusivamente homossexual) e uma categoria X, assexual, descrita como aquele que não tem relações sócio-sexuais ou respota erótica à estímulos (KINSEY et. al., 1948; 1953). Aponta-se que essa categoria foi pouco explorada nesses estudos e, apesar de ser possível que alguns participantes enquadrados como X fossem assexuais, pela definição atual, como havia grande foco no histórico comportamental não é possível utilizar os resultados desta pesquisa como um indicador relevante.

Ademais, outro estudo importante sobre sexualidade humana que observou a presença da assexualidade é a pesquisa de Michael Storms (1980). O autor utilizou um modelo focado nas fantasias eróticas e papéis de gênero para criar um modelo de orientações sexuais. Diferente de Kinsey, homoerotismo e heterotismo foram colocados em dois eixos diferentes com questões voltadas apenas para uma dessas categorias que, após análise, seriam agrupados em categorias como heterossexual, homossexual, bissexual e assexual (ver fig. 1) (STORMS, 1980). Destaca-se que o autor não apontou a assexualidade como uma orientação sexual, ele

apenas a delineou como uma categoria dentro desse modelo, não existindo também uma discussão aprofundada acerca dela. Hinderliter (2016), supõe que o pesquisador evitou nomear a assexualidade como uma orientação sexual em razão da dúvida se a assexualidade não seria em si a ausência de uma orientação.

Figura 1 - Quatro categorias de orientação geradas por um modelo bidimensional

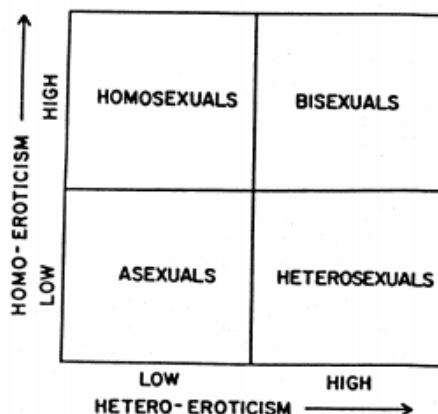


Figure 1. Four orientation categories generated by a two-dimensional model.

Fonte: (STORM, 1980).

Para além do âmbito acadêmico, a expansão do discurso sobre assexualidade desenvolveu-se a partir do advento da internet, em especial, por meio da criação de salas de bate-papo e fóruns nos anos 2000. A criação de ambiente *online* foi vital para a formação de comunidades assexuais como indica o seguinte trecho:

Até o advento da internet, os indivíduos assexuais relatam ter vivido em seu isolamento demográfico, desconhecendo a existência de outras pessoas que, como eles/as, travavam uma luta consigo mesmos/as e com a sociedade por serem diferentes da maioria. A partir do início do século XXI, a popularidade das redes sociais na internet facilitou a formação de comunidades construídas em torno de identidades assexuais. (OLIVEIRA, 2013, p. 8).

O principal *site* sobre o tema foi criado em 2001, chamado Rede de visibilidade e educação assexual, *The asexual visibility and education network* (AVEN) em inglês. Os principais objetivos da AVEN são: criar aceitação pública sobre a assexualidade, discutir sobre o tema; e facilitar o crescimento da comunidade assexual¹. Para Brigeiro (2013, p. 260), o *site* é pioneiro na promoção da temática e constitui-se “como uma espécie de marco zero da rede e mantendo-se como seu principal núcleo”. Sublinha-se que surgiram outros fóruns e blogs previamente à AVEN, contudo esses foram aos poucos caindo em desuso em meados da

¹ Disponível em: <http://www.asexuality.org/?q=overview.html>.

década retrasada. Para Hinderliter (2013, apud BEZERRA, 2015), a AVEN tornou-se o ponto focal da discussão assexual em razão de sua política inclusiva e uma definição de assexualidade abrangente.

A AVEN é organizada de forma a possibilitar o encontro e troca entre pessoas que se interessam pela temática da assexualidade, assim como, o diálogo com a comunidade acadêmica que pesquisa sobre o tema. A comunidade geral é atendida por meio dos fóruns criados pelos usuários que abrangem uma extensa gama de assuntos, destaca-se o expressivo número de pessoas inscritas no *site*: 136.884². A sessão de convite para pesquisas tem destaque especial na página da AVEN, constituindo um indicador do desejo da comunidade para que ocorra um aprofundamento e ampliação sobre conhecimento científico na área. Além disso, o *site* direciona os pesquisadores para a página *Asexual Explorations*³ voltada apenas para as produções acadêmicas sobre o assunto. Este *site* é significativo para quem estuda a área, pois contém uma lista de referências bibliográficas, em inglês e outras línguas, apontamentos para pesquisas futuras e textos do autor Andrew Hinderliter, que pesquisa sobre assexualidade e gerencia o *Asexual Explorations*.

Brigeiro (2013) sinalizou em seu artigo que a proposta de *site* da AVEN e seu formato expandiu-se para outros países, extrapolando fronteiras e encontrando novos membros. Diante disso, apresenta-se a página Comunidade Assexual⁴, antigo A2, como um dos mais populares *sites* brasileiros sobre a temática. O sítio foi criado em 2009, previamente chamado de Refúgio Assexual, constituindo-se como uma das primeiras páginas brasileiras sobre assexualidade. Assim como a AVEN, seu principal objetivo é promover a visibilidade do tema a fim de diminuir o preconceito que a comunidade sofre e incentivar o processo de autodescoberta dos indivíduos assexuais. Na sessão ‘O que queremos?’ do *site* encontra-se o seguinte trecho:

Também queremos existir como comunidade, pois a troca de informações e conhecimentos é essencial para a construção do nosso entendimento de nós mesmos, além de fazer com que percebamos que não somos anormais, que não somos doentes e que não estamos sozinhos⁵.

A Comunidade Assexual busca construir esse senso de grupo e identificação, principalmente, por meio de seu fórum que, até o momento da consulta, conta com 5.667⁶ usuários registrados. Neste, os participantes postam suas dúvidas, vivências e depoimentos

² Informação retirada da página: <https://www.asexuality.org/en/>, em 20 ago. de 2021.

³ Disponível em: <http://www.asexualexplorations.net/home/about.html>.

⁴ Página disponível em: <https://www.assexualidade.com.br/>.

⁵ Trecho extraído da página <https://www.assexualidade.com.br/p/nos.html>, em 27 ago. de 2021.

⁶ Dado disponível na página: <https://assexualidade.forumeiros.com/>, consultado em 27 ago. de 2021.

sobre o tema, criando espaços para discutir a experiência assexual e os mais diversos aspectos que a perpassam. Observa-se que o fórum também constitui um local que acolhe pesquisadores sobre o tema, com tópicos para chamadas para entrevistas e enquetes, sendo bem respondidos. Destaca-se, ainda, que o próprio *site* da comunidade possui uma sessão de pesquisa em que expõe o resultado de um formulário realizado entre 2016/2017 organizado pelos moderadores da página. Dentro deste, pode-se ressaltar um resultado peculiar à assexualidade: dos 1.027 participantes 49,9%⁷ responderam ter conhecido a assexualidade por pesquisa própria e 25,8% por meio de uma matéria ou artigo da *web*. Tais resultados podem sinalizar que há uma baixa socialização da ideia da assexualidade como parte da experiência humana em ambientes formais, como a escola, apesar de não ser possível tirar maiores conclusões sobre o formulário devido ao desconhecimento de seu rigor metodológico.

O movimento histórico exposto acima apresenta as pesquisas acadêmicas e comunidades online como construções independentes que, após os anos 2000, passaram a dialogar entre si. O conhecimento acadêmico na área começou a ser ampliado a partir dos artigos de Bogaert (2004, 2006) focados no estudo da assexualidade, e não apenas como um achado secundário pouco aprofundado. Para mais, demarca-se que, nas duas últimas décadas, essas comunidades *online* constituíram o campo de pesquisa de acadêmicos da área (ver OLIVEIRA, 2013; BRIGEIRO, 2013) ou serviram como um intermediário entre o pesquisador e os participantes. Os *sites* supracitados compreendem que a discussão sobre a assexualidade precisa ser promovida, encontrando no meio acadêmico um espaço propício para ampliar a visibilidade do tema e, de certa forma, legitimar a experiência assexual (BRIGEIRO, 2013).

1.1.2 Definições de assexualidade

Um dos principais pesquisadores que discute a assexualidade é o psicólogo canadense Anthony Bogaert, sendo apontado como um dos pioneiros da pesquisa sobre o tema no século XXI (OLIVEIRA, 2013, 2014; HINDERLITER, 2016). O autor inaugurou o estudo sobre a assexualidade nos anos 2000, ao publicar o artigo “*Asexuality: Prevalence and associated factors in a national probability sample*”, no qual analisa dados demográficos de uma amostra probabilística de cidadãos britânicos, em que 1,05% dos participantes responderam nunca terem sentido atração sexual (BOGAERT, 2004). Desde sua primeira publicação, Bogaert escreveu diversos outros artigos sobre o tema e lançou um livro no qual aprofunda-se nos

⁷ Dados retirados do página <https://www.assexualidade.com.br/p/pesquisas.html>, acessado em 27 ago. de 2021.

diferentes aspectos que perpassam a experiência assexual (BOGAERT, 2012). Em razão de sua relevância histórica e ampla produção teórica sobre o tema, esta seção busca discutir as definições que o autor tem sobre a assexualidade, relacionando-a com outros autores e agentes que destacam-se na área.

A atual conceituação de assexualidade como a ausência de atração sexual ou desejo por outros, presente nas pesquisas mais recentes, surge devido aos estudos teóricos, empíricos feitos sobre o tema e trabalhos teóricos sobre orientações sexuais (BOGAERT, 2015). Para mais, observa-se que esta conceituação está em acordo com a definição apresentada pela AVEN (BOGAERT, 2015). E que, de modo geral, a forma como Bogaert discute e conceitua a assexualidade é vista de forma favorável pelas comunidades *online* focadas na assexualidade (HINDERLITER, 2016)

Na definição apresentada acima é importante destacar a ausência de desejo sexual voltada para outras pessoas, isto é, é possível que pessoas assexuais ainda tenham desejo sexual, para estimulação sexual, que não seja direcionado para outros indivíduos. Diante disso, Bogaert (2004, 2006, 2012, 2015) conceitua a assexualidade como a ausência de atração sexual. O autor aponta esta como a definição mínima para assexualidade e difere de outros trabalhos ao excluir por completo o desejo sexual (BOGAERT, 2012). O pesquisador argumenta que a ausência de atração sexual não implica na não presença de desejo sexual, como pode ser observado no excerto a seguir:

se uma pessoa realmente carece de desejo sexual, então provavelmente não há impulso sexual para alimentar qualquer atração sexual subjacente, se de fato tal atrações subjacente (talvez) ocultas existam; assim, alguém com ausência de desejo também não teria atração sexual pelos outros, embora ainda possa ter atrações românticas. Em segundo lugar, o inverso não é necessariamente verdadeiro: se uma pessoa não tem atração sexual, não necessariamente não têm desejo ou impulso sexual⁸. (BOGAERT, 2012, p. 22, tradução nossa).

Ademais, a assexualidade apresenta na literatura acadêmica diversas considerações quanto ao seu status como uma orientação sexual. A definição de assexualidade em si acaba por questionar o que os autores definem como orientação sexual, e se esta baseia-se apenas na direção da atração sexual. Bogaert, por estudar o tema por quase duas décadas, pode ser um exemplo de duas perspectivas bastante presentes sobre o assunto, em razão do autor ter alterado sua percepção sobre como classificava a assexualidade ao aprofundar mais seus

⁸ No original: “For one, if a person truly lacks sexual desire, then there is likely no sex drive to fuel any underlying sexual attractions, if indeed such underlying (perhaps) hidden attractions exist; thus, someone with an absence of desire would lack sexual attraction for others as well, although they still might have romantic attractions. Second, the reverse is not necessarily true: if one lacks sexual attraction, one does not necessarily have no sexual desire or drive.”

trabalhos. Inicialmente, esta era definida como a ausência de uma orientação sexual tradicional, considerando a inexistência de uma direção - homossexual, heterossexual ou bissexual - para sua sexualidade (BOGAERT, 2004).

Contudo, em trabalhos mais recentes Bogaert (2006, 2012, 2015) destaca que a assexualidade pode ser considerada uma orientação sexual, pois conceitua que a atração sexual subjetiva dos indivíduos define sua orientação. Portanto, a ausência de atração experienciada por assexuais pode ser enquadrada como uma categoria dentro do quadro de orientações sexuais. Dessa forma, utilizando o modelo de categorização de Storms (1980) como base, como mostra a Figura 2, é possível colocar a assexualidade como uma quarta orientação em que o sujeito tem baixa atração homo-erótica e baixa atração hetero-erótica (BOGAERT, 2015).

Figura 2 - Modelo de orientação sexual de Bogaert

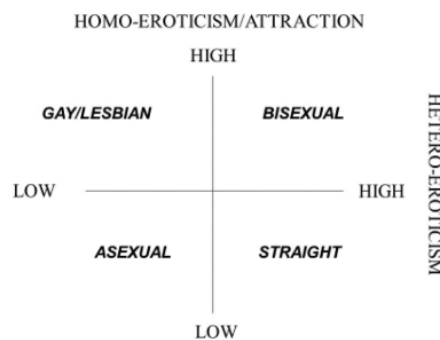


Figure 1. Model of sexual orientation based on eroticism/attraction toward the sexes (after Storms, 1980).

Legenda: modelo de orientação sexual baseada em eroticismo/atração direcionada aos sexos (com base em Storms, 1980).

Fonte: (BOGAERT, 2015).

Como exemplificado no caso de Bogaert, diversos autores que estudam assexualidade acabam por construir uma nova conceituação de orientação sexual que abarca a vivência assexual e suas nuances. Este também é o caso no trabalho de Gazzola e Morrison (2012, p. 6), que definem orientação sexual como os “aspectos da identidade pessoal e social de uma pessoa que indicam a presença ou ausência de alvos para sua atração sexual e comportamento”.⁹ Em contrapartida há autores que preferem estudar a singularidade subjetiva de pessoas assexuais sem discutir sobre as características de uma orientação sexual tradicional ou não. Este é o caso como Oliveira (2014), que compreende a assexualidade como uma

⁹ No original: “the aspect of one’s personal and social identity that indicates the presence or absence of targets of one’s sexual attractions or behaviours.”

orientação em seu aspecto de luta política, porém em seus trabalhos prefere estudar o tema como um fenômeno com particularidades únicas. Assim, sem entrar no mérito de uma classificação como orientação sexual por não abordar aspectos da sexologia e, sim, a experiência individual dos sujeitos participantes.

A conceituação proposta por Gazzola e Morrison (2012) engloba a assexualidade e vai ao encontro do modelo proposto por Bogaert, além de estar em concordância com as definições de assexualidade propostas pelas comunidades assexuais *online*. O presente trabalho não pretende aprofundar-se acerca de questões sobre o que constitui uma orientação sexual, e sim as percepções de pessoas assexuais. Contudo, para este estudo considera-se a assexualidade como uma orientação sexual seguindo o modelo de Bogaert (2015) em decorrência de esta ser a perspectiva prevalente entre indivíduos assexuais em seus discursos online, como exposto nos parágrafos a seguir.

Como destacado na seção anterior, a Rede de visibilidade e Educação Assexual (AVEN) é um dos cerne da discussão sobre a assexualidade. A visão que a página tem sobre o tema influencia as abordagens que os pesquisadores tomam frente ao estudo do fenômeno, assim como, a forma como pessoas assexuais definem em palavras o que vivenciam. Em razão disso, considera-se relevante descrever como o sítio discute e define a assexualidade.

O *website* apresenta em destaque no seu cabeçalho sua definição de sujeito assexual como “pessoa que não experiencia atração sexual”¹⁰. Constata-se que, com essa frase como a definição principal, a AVEN simplifica ao máximo a questão da assexualidade, apresentando um ideia concisa e deixando de fora explicações pormenores. Brigeiro (2013) aponta essa imprecisão como algo positivo, pois possibilita uma interpretação mais livre do conceito e, conseqüentemente, um leque maior de identificações subjetivas. Por outro viés, aponta-se que esta definição não abrange todas as identidades presentes sob o guarda-chuva da assexualidade, pois existem indivíduos que se identificam com a categoria geral da assexualidade e que sentem atração sexual sob circunstâncias específicas (OLIVEIRA, 2013). Por reconhecer em sua comunidade outras experiências assexuais que não estão contempladas pela definição central, a AVEN descreve em outro segmento de seu domínio que “assexual é todo aquele/a que se reconheça nesta identificação” (OLIVEIRA, 2014, p. 67).

Ademais, a AVEN aprofunda sua explicação na seção geral de ‘sobre assexualidade’, na qual é possível encontrar o seguinte trecho:

Uma pessoa assexual não experiencia atração sexual - eles não são atraídos por pessoas de forma sexual e não desejam agir sob atração por outros de forma sexual.

¹⁰ No original: “An asexual person is a person who does not experience sexual attraction”.

Ao contrário do celibato, que é a escolha de abster-se de uma conduta sexual, a assexualidade é uma parte intrínseca de quem somos, assim como qualquer outra orientação sexual.¹¹ (tradução nossa).

A partir dessa citação, pode-se compreender que a AVEN apresenta a assexualidade como uma orientação sexual que possui o sentimento inerente de não sentir atração sexual como sua característica definidora. Oliveira (2013), ao analisar o *site*, destaca o enfoque dado pela página ao não poder de escolha do sujeito assexual como um ponto de reivindicação para sua categorização como orientação sexual; e, também, aponta que a conceituação enfatiza a experiência subjetiva de cada um, e não necessariamente suas ações, possibilitando que pessoas que realizam atividades de cunho sexual ainda identificam-se como assexual. A maior fonte que sustenta a definição da página são os próprios relatos compartilhados nos fóruns do sítio, as inúmeras vivências assexuais expostas de forma sistematizada na AVEN são o suporte de sua argumentação e o que agrega valor à sua conceituação (OLIVEIRA, 2013; BRIGEIRO, 2013).

O sítio Comunidade Assexual representa a ponte entre a discussão internacional feita pela AVEN e os brasileiros. Apesar da proposta das páginas serem semelhantes, o ambiente virtual nacional apresenta algumas características próprias, em especial, a forma como a assexualidade é definida. Oliveira (2014), ao analisar a página em seus primórdios, destaca a tentativa do criador em aprofundar a discussão sobre as definições de assexualidade e questionar as categorias propostas pelo *site* norte-americano. No cabeçalho da Comunidade Assexual é possível encontrar a conceituação principal: “Assexual estrito é a pessoa que não tem interesse na prática sexual com outra pessoa” e o seguinte trecho “diferente do celibato, que é uma escolha, e do desejo sexual hipoativo, que é uma patologia, a assexualidade pode ser considerada orientação sexual”. Destaca-se na definição o uso dos termos ‘assexual estrito’, aquele que estaria no extremo do espectro da assexualidade nunca experienciando atração sexual. Com essas palavras a Comunidade Assexual não deixa margem para outras interpretações, assim como, não há possibilidade de exclusão da categoria assexualidade de pessoas que sentem atração sexual variante ou condicional.

Para mais, a página brasileira não utiliza o termo ‘atração sexual’ como foco de sua definição, entrando em contraste com outras páginas. Denota-se, a partir da leitura dos fóruns e discussões em grupos sobre a temática, que pessoas assexuais têm dificuldade em explicar o

¹¹ No original: “An asexual person does not experience sexual attraction – they are not drawn to people sexually and do not desire to act upon attraction to others in a sexual way. Unlike celibacy, which is a choice to abstain from sexual activity, asexuality is an intrinsic part of who we are, just like other sexual orientations.” Trecho extraído da página <https://www.asexuality.org/?q=overview.html>, em 28 ago. de 2021.

que seria atração sexual, por ser um sentimento que a maioria nunca experienciou. Diante disso, o sítio esquiva-se de um possível erro de compreensão ao utilizar a ausência de interesse em atos sexuais com outros na conceituação, e ainda mantém o sentido de atração sexual ao defini-la como interesse em contato sexual em sua seção ‘dicionário’. Em concordância com a AVEN, o sítio também apresenta a assexualidade como uma orientação sexual, diferenciando-a de uma possível escolha - celibato - e de uma patologia.

Diante do exposto nesta seção, este estudo adota uma definição de assexualidade que engloba as pluralidades presentes nos discursos online de pessoas assexuais e, ainda, mantém como base teóricos da área. Como apontado por D’Andrea e Romagnoli (2018, p. 220) “a definição de que o assexual não experimenta atração sexual não apreende a variedade das experiências vividas pelos sujeitos que se identificam com essa classificação.” Assim, considera-se a assexualidade como um espectro a fim de acolher as diversidades experienciadas pelos indivíduos, contendo em um extremo assexuais estritos que convergem para a conceituação de Bogaert (2004, 2006, 2012, 2015) de ausência de atração sexual; e, ao longo do espectro, encontram-se diferentes identidades que compreendem pessoas que possuem uma baixa atração sexual e/ou a sentem sob circunstâncias específicas. Tais pessoas encontram-se ainda sob o termo guarda-chuva da assexualidade por entenderem que a forma como sentem atração sexual difere da de pessoas sexuais. Tal conceituação aproximasse das conclusões achadas por Barboza et al. (2020, p. 14) ao construir uma metassíntese sobre as definições de assexualidade presentes na literatura brasileira, como demonstra o trecho a seguir:

Ainda assim há uma pluralidade nas formas de abordar e vivenciar a assexualidade, levando em consideração que esse é um termo guarda-chuva que engloba várias identidades, como demisssexual ou assexual cinza. Diante disso, percebe-se que talvez esse termo deva ser utilizado no plural – assexualidades – para que possa abarcar as diversas formas de expressão.

O presente trabalho não tem por objetivo aprofundar a discussão acerca das diferenças entre cada identidade dentro do espectro assexual, e sim, pretende compreender como esta sexualidade é experienciada relacionando-a a outros aspectos. Contudo, as sub-identidades do espectro estão presentes nas respostas dos participantes da pesquisa, e podem auxiliar na compreensão da definição de assexualidade adotada. Dessa forma, serão destacadas duas principais categorias presentes no espectro da assexualidade, além dos assexuais estritos.

Os assexuais que acabam por experienciar atração sexual encontram-se na área cinza (*gray area*), denominando-se como assexuais cinza ou *Gray-A* a partir do termo em

inglês (D'ANDREA; ROMAGNOLI, 2018). Assexuais cinza possuem níveis de atração sexual flutuantes, geralmente baixos e com baixo desejo sexual, e que sentem atração sexual de forma restrita e sob circunstâncias subjetivas (OLIVEIRA, 2013; D'ANDREA; ROMAGNOLI, 2018). Para mais, existe uma categoria bastante expressiva dentro da área cinza denominada como demissexualidade. Pessoas demissexuais experienciam atração sexual e desejo sexual por outros apenas quando existe um envolvimento afetivo e um forte laço emocional com o outro sujeito (OLIVEIRA, 2013; D'ANDREA; ROMAGNOLI, 2018). Em decorrência da baixa frequência com que sentem atração sexual, pessoas que pertencem às categorias citadas acima acabam por identificarem-se com a assexualidade (OLIVEIRA, 2013), mesmo não encaixando-se nas definições mais restritas do termo. Frente a tais circunstâncias, este projeto opta por tratar a assexualidade como um espectro, ou um guarda-chuva, que abrange as mais diversas vivências daqueles que identificam-se como assexuais.

1.1.3 A assexualidade e suas nuances

A presente seção tem por objetivo apresentar algumas particularidades da assexualidade que se fazem pertinentes para o escopo deste estudo. Posto isso, busca-se inicialmente discutir e descrever a cisão entre atração sexual e atração romântica, ou desejo romântico, presente na literatura e discursos assexuais. De acordo com Diamond (2003, apud BOGAERT, 2012), esse desejo amoroso seriam aqueles sentimentos como paixão e apego emocional associados a um vínculo afetivo. Neste caso, a atração romântica refere-se ao desejo frente a pessoas com que o sujeito pode vir a desenvolver um relacionamento romântico; em contraste, a atração sexual seria o desejo sexual pelo outro (BOGAERT, 2012). Dessa forma, uma pessoa assexual pode ter interesses românticos, mesmo não tendo inclinações sexuais, e a afirmação contrária também pode ser verdadeira, uma pessoa sexual pode não ter nenhum interesse em relações românticas (BOGAERT, 2015).

Frente a isso, pessoas assexuais categorizam sua atração romântica tomando por base a conceituação de orientação sexual tradicional, apenas retirando o aspecto sexual e mantendo o componente de gênero (BRIGEIRO, 2013), ou entendem as orientações de forma mais ampla abrangendo seu lado afetivo (BOGAERT, 2012). Assim, surgem identidades como 'homorromântico/homoafetivo', 'heterorromântico/heteroafetivo' e 'birromântico/biafetivo' que abarcam a orientação afetiva (BRIGEIRO, 2013; OLIVEIRA, 2013; BOGAERT, 2012). A presença das identidades citadas é expressiva no discurso assexual *online*, como pode ser

observado no trecho a seguir de Oliveira (2013) que analisa as diferenças entre assexuais românticos e aromânticos, e suas particularidades, presentes no *site* da AVEN:

Os/as assexuais da AVEN fazem distinção muito clara entre amor e sexo. Parte dos/as assexuais sente interesse amoroso e deseja estar em relacionamentos românticos, preferencialmente sem atividade sexual; porém, também existem aqueles/as que não têm interesse nem mesmo por parcerias amorosas. A AVEN chama de românticos/as os assexuais que desejam um relacionamento amoroso, e de aromânticos/as, aqueles/as que não desejam. Outra constatação entre os membros da AVEN, é que alguns/mas assexuais românticos/as estão envolvidos/as em relacionamentos com pessoas não assexuais, surgindo a necessidade de negociação da existência ou frequência da atividade sexual, ou da formação de relacionamentos não monogâmicos. (OLIVEIRA, 2013, p. 4).

Outro aspecto relevante a ser discutido ao buscar-se compreender a assexualidade é o estigma que pessoas assexuais enfrentam frente ao discurso biomédico patologizante. Segundo Brigeiro (2013), a assexualidade rompe com a visão médica de que a prática sexual compõe uma vida saudável, já que o discurso assexual coloca o não desejo sexual como algo fora do âmbito patológico. Assim, a categorização e união sob um identidade assexual possibilita uma forma de enfrentamento à anormalidade percebida por parte de especialistas da saúde e o processo de medicalização (BOGAERT, 2012; 2015).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), em sua quinta edição, apresenta em sua lista dois transtornos relacionados ao desejo sexual e que podem patologizar a experiência assexual quando diagnosticados de forma errônea. Estes são o Transtorno do Interesse/Excitação Sexual Feminino e o Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo. A versão atual do DSM, diferente de suas edições passadas, permite que a diferenciação entre a identidade assexual e o transtornos de desejo sexual ao pontuar que “[...] a falta de desejo sexual ao longo da vida for mais bem explicada pela identificação por parte da própria mulher como ‘assexual’, não se aplica o diagnóstico [...]” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 434). Para mais, a descrição para os diagnósticos dos transtornos citados apresentam o sofrimento psíquico e mal-estar em relação ao seu desejo sexual como critérios, assim afastando a assexualidade de uma patologia (D'ANDREA; ROMAGNOLI, 2018).

Entretanto, ressalta-se que a percepção de possuir uma forma de atração sexual diferente da normatividade pode causar certo estresse emocional que poderia ser confundido com o sofrimento proposto pelo DSM. Além de diversas pessoas assexuais desconhecerem a existência da categoria como uma possibilidade de orientação sexual, portanto não encaixando-se no critério de exclusão da auto identificação, e possibilitando o diagnóstico errôneo de algum transtorno do desejo sexual. Destaca-se, ainda, que o discurso online de

peças assexuais não nega a existência de problemas relacionados ao desejo sexual, ou a necessidade de procurar um médico ou terapeuta, mas enfatiza que tais patologias diferenciam-se da identidade assexual (BRIGEIRO, 2013).

Segundo Oliveira (2013), historicamente a assexualidade foi tratada como uma patologia por profissionais da saúde - como psicólogos e médicos - e percebido como um problema pela sociedade, sendo corroborada pela ausência do critério de auto identificação nos manuais anteriores. Frente a isso, existe um receio entre pessoas assexuais de que sua família descubra sua sexualidade e tentem medicá-las ou busquem uma cura para sua orientação (D'ANDREA; ROMAGNOLI, 2018). MacInnis e Hodson (2012, p.734, apud BOGAERT, 2015) encontraram evidências em suas pesquisas que pessoas heterossexuais percebem de forma mais desfavorável a assexualidade que outras orientações sexuais minoritárias, podendo caracterizar pessoas assexuais como menos que humanas. Isto demonstra a presente percepção que o desejo e atração sexual são tratados como aspectos formativos da essência humana (BOGAERT, 2015).

Ademais, salienta-se o número expressivo de relatos em fóruns assexuais, como o Comunidade Assexual, em que indivíduos expõem a patologização e questionamento de sua assexualidade em sessões psiquiátricas e psicológicas. Denota-se que estes acontecimentos geram bastante desconforto nas pessoas que relataram suas experiências, e criam uma resistência frente ao contato com profissionais da saúde. D'andrea e Romagnoli (2018) também constata esse receio ao identificarem-se como psicólogos para sua pesquisa empírica, sinalizando que alguns sujeitos temiam ser analisados ou que sua assexualidade seria tratada como um transtorno. Posto isso, indica-se que a assexualidade ainda busca um processo de normatização frente ao público geral e a despatologização em espaços da saúde, evidenciando a necessidade desta orientação ser retratada como uma possibilidade de existência dentro da normalidade.

1.2 EDUCAÇÃO SEXUAL CURRICULAR NO BRASIL E A PROPOSTA DA DIVERSIDADE SEXUAL

1.2.1. Documentos federais referentes à educação sexual escolar

No Brasil, dois documentos principais embasam a criação dos currículos escolares, esses são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017). Ambos seguem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), atualizada em 2017. Entre os possíveis documentos nacionais, os PCNs foram selecionados em razão de seu tema transversal “Orientações sexuais” e a BNCC por ser, até o momento da pesquisa, o documento normativo mais atualizado. Com o objetivo de compreender, de maneira geral, a forma como as escolas brasileiras abordam a educação sexual, esta seção apresenta uma revisão de literatura focada nas diretrizes voltadas para a educação sexual nesses documentos. Destaca-se que esses apresentam diferenças significativas em sua estrutura e objetivo, assim, eles serão apresentados em ordem cronológica a fim de proporcionar um comparativo evolutivo nas políticas públicas voltadas à educação sexual.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), apesar de não serem imperativos, são um dos principais documentos normativos para a educação do país, “sua função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional” (BRASIL, 1998, p.10). Isto é, os PCNs servem como uma orientação para professores e profissionais da educação organizarem seu currículo de atividades e, por sua não obrigatoriedade, abre margem para ajustes peculiares ao território de cada instituição. Destaca-se, também, que os PCNs possibilitam uma homogeneidade e continuidade nos conteúdos trabalhados em um país continental, pois elenca o que a federação considera como importante nos currículos educacionais do Brasil (PALMA et al., 2015).

O documento secciona a escolarização em Ensino Infantil, Fundamental I e II e Médio apontando diretrizes específicas para cada uma das etapas, além de agregar no fundamental temas transversais que perpassam todas as áreas do conhecimento. Diante disso, a temática da educação sexual é inserida oficialmente pela primeira vez nos currículos brasileiros ao ser abordada dentro dos temas transversais (SILVA; COSTA; MÜLLER, 2018). A temática, como o resto do documento, é dividida em ciclos que abordam em diferentes níveis as discussões propostas, dependendo da faixa etária prevista para cada ano (PALMA et al., 2015).

Ressalta-se que não há parâmetros indicando a educação sexual no ensino infantil e, no ensino médio essa está dentro das disciplinas de ciências biológicas.

O segundo documento a ser trabalhado nesta seção é a Base Nacional Comum Curricular, sendo no momento um dos documentos mais importantes para a criação dos currículos escolares do país. A BNCC é “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p.7). Essas aprendizagens foram compiladas de forma generalista em dez competências, entendidas no documento como a mobilização de atitudes, valores, conhecimentos e habilidades que visam possibilitar a resolução das demandas complexas da vida. (BRASIL, 2017).

Diante disso, pretende-se realçar alguns tópicos da BNCC pertinentes a este estudo e analisar a literatura voltada aos aspectos relacionados à educação sexual nesse documento. Para isso, é importante destacar as competências nº 8 e nº 9, que falam sobre autoconhecimento e empatia, respectivamente. Na primeira, é preconizado que o aluno tenha base para conhecer a si mesmo, podendo compreender-se na diversidade humana, e possa desenvolver capacidades para reconhecerem como ele e os outros se sentem. A competência nove, busca discorrer sobre o respeito aos outros e aos direitos humanos, valorizando a diversidade e diferentes grupos sociais, contrapondo-se a qualquer forma de preconceito. Diante disso, é possível relacionar ambas competências a um proposta de educação sexual, como qualquer outro conteúdo curricular, que seja compreensivo e trabalhe as nuances da sexualidade humana, com intuito de combater discriminações e facilitar o processo de autoidentificação dos jovens.

Frente ao ano de publicação da BNCC e a ausência de um caderno específico para a educação sexual, encontrou-se poucos estudos que discorressem em profundidade sobre a temática na BNCC. Entre estes, pode-se destacar o artigo de Silva, Brancaloni e Oliveira (2019), que conclui que o documento foca apenas no modelo biológico da sexualidade, colocando apenas assuntos voltados à fisiologia, anatomia e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Para mais, os autores sublinham que a temática aparece apenas nos componentes de ciências da natureza, assim enfatizando a visão biológica do conteúdo e suprimindo discussões sobre aspectos sociais e culturais do tema, indicando que o documento pode contribuir para a manutenção da homofobia e misoginia no âmbito escolar.

Por fim, ao traçar uma comparação entre os dois documentos discutidos, os autores citados acima concluem que a BNCC apresenta um retrocesso para as discussões sobre

diversidade sexual e de gênero nas escolas quando comparada aos PCNs. A Base foca apenas na dimensão biológica, com uma concepção médico-higienista, sendo uma regressão da prerrogativa do tema ser trabalhado por diversas áreas do conhecimento como os Tema Transversais em orientação sexual determinavam. Em conjunto com essa ausência, Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019, p.1552) verificaram que “o documento oficial analisado trata os conceitos direitos humanos e preconceito de maneira genérica, fato que poderá intensificar os silenciamentos destacados”.

1.2.2 A perspectiva da Diversidade Sexual e interlocuções com a assexualidade

Frente às críticas apontadas nos documentos acima, o presente estudo propõe, então, uma discussão sobre a perspectiva da diversidade sexual para o ensino em educação sexual. A conceituação de diversidade sexual diz respeito aos diferentes modos de expressões da sexualidade, afetividades e identidades que podem não se enquadrar nas normas do modelo heterossexual (PINO, 2017; TORRES, 2013). Para mais, o conceito propõe em si uma reflexão sobre a “heterossexualidade como única possibilidade de manifestação da sexualidade, em detrimento das várias maneiras de sentir prazer, de usar o corpo e de expressar afeto” (PINO, 2017, p.51). Diante disso, a associação da educação à diversidade sexual objetiva fundamentar um olhar pluralista sobre a sexualidade nos currículos escolares, no qual os múltiplos aspectos que compõem a sexualidade humana seriam abordados, bem como sua diversidade de expressão. Como sinaliza Maia e Ribeiro (2011), essa deve considerar a história e singularidade de cada aluno ao mesmo tempo que instiga a reflexão de que não existe forma correta ou única de viver a sexualidade.

A escola faz parte do cotidiano de estudantes LGBTQIA+¹², na qual eles enfrentam diariamente a hegemonia heteronormativa que os coloca no local do não natural, que lhes nega direitos e os violenta, enfim, que demarcada esse como um local ao qual eles não pertencem (MARCON; PRUDÊNCIO; GESSER, 2016; PINO, 2017). Em razão disso, seu direito à educação é negado, pois é um ambiente que acaba por impossibilitar sua permanência e desenvolvimento (PINO, 2017). É necessário, então, criar formas de acabar com esse local de exclusão, e para isso é preciso que a instituição consiga propor para a comunidade escolar um profundo movimento de reflexão sobre a sexualidade como um todo. Portanto, este estudo suporta a concepção de que uma educação sexual verdadeiramente transformadora ocorre por meio da reflexão sobre a diversidade sexual.

¹² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, + para outras identidades.

Ademais, diante da problemática da assexualidade e educação sexual, um dos poucos estudos nacionais que apresenta essa intersecção é a tese de doutorado de Elisabete Oliveira (2014) e os artigos que apresentam os desdobramentos desta. Destaca-se, então, o estudo de Oliveira e Vianna (2017) em que são apresentados os resultados de diversas entrevistas realizadas com pessoas assexuais. Entre esses, os relatos demonstram como a escola tem um papel fundamental na jornada de autoidentificação de indivíduos assexuais, pois é por meio do processo da não identificação com seus pares - o não se interessar por parceiros sexuais no pós-adolescência - que suscita um questionamento nas pessoas quanto a sua identidade sexual. Assim, por a escola ser um dos principais espaços em que questões sobre orientação sexual emerge, esta constitui-se como um local privilegiado para a discussão sobre diversidade sexual visando a redução de preconceitos e discriminações (OLIVEIRA, VIANNA, 2017; OLIVEIRA, 2014).

Para mais, os participantes do estudo de Oliveira (2014) indicam a inclusão do debate sobre assexualidade na educação sexual, e por conseguinte da diversidade sexual, como algo benéfico para todos os educandos, em razão de introduzir a ideia do desinteresse sexual como algo normal. Assim, os colegas que não desejam priorizar atividades sexuais, mesmo não sendo assexuais, podem se sentir acolhidos pela desnaturalização do sexo como algo compulsório. Além disso, os entrevistados afirmam que a inclusão da assexualidade no currículo daria visibilidade a essa sexualidade, promovendo a compreensão e aceitação social da orientação e ampliando o acesso ao conhecimento do conceito a jovens que sentem-se fora da normalidade. Essa importância pode ser observada no seguinte excerto da tese de Oliveira (2014, p. 204), as pessoas assexuais encaram uma “[...] dupla tarefa identitária: em primeiro lugar, conhecer a si mesmo/a; em segundo lugar, mostrar para a sociedade que sua sexualidade é compartilhada por muitas outras pessoas no mundo, tratando-se, portanto, de uma sexualidade legítima”. Isto reflete os desafios da visibilidade assexual uma vez que muitos de seus participantes relataram sentirem-se “alienígenas” antes de conhecerem a assexualidade.

Sobre a exclusão e preconceito, os participantes da pesquisa de Oliveira (2014) relatam que a escola tem uma grande importância formativa para sua vida, porém ela também constitui um local de discriminação. Os entrevistados, especialmente homens, apontam essa vivência por não manifestarem interesses sexuais de forma explícita, tal qual seus pares apresentavam dentro do grupo. Eles expõem que o preconceito advinha de uma ‘homossexualidade presumida’, pois aos serem percebidos como diferentes em seus desejos e comportamentos essa era a primeira suspeita que seus colegas tinham. No geral, os

participantes expressam que sua sexualidade é algo determinante em seus relacionamentos - familiares, amorosas, amizades e de trabalho - e que a hipótese da homossexualidade e sua possível rejeição são algo sempre presente. Lembra-se que pessoas assexuais também podem ser bi ou homo românticas, e/ou transgêneras, assim, acarretando na possibilidade de outras experiências LGBTfóbicas.

Ao buscar compreender como pessoas assexuais perceberam sua educação sexual escolar, o estudo citado acima destaca que nesta houve um supervalorização das atividades sexuais e foco nos aspectos reprodutivos e de prevenção contra doenças. Os entrevistados dela reconhem a importância de todos saberem questões anatômicas e de saúde, contudo, outras dimensões da sexualidade foram ignoradas e, por tratarem o sexo como algo inevitável na vida dos jovens, as necessidades de pessoas assexuais não foram mínimamente atendidas. Eles mencionam, ainda, não se envolverem nas aulas com essa temática para não exporem sua diferença para os colegas, e porque não sentiam que quem ministrava a aula teria o conhecimento para acolher suas dúvidas (OLIVEIRA, 2014).

2 JUSTIFICATIVA

A literatura brasileira sobre a assexualidade tem crescido gradativamente ao longo da última década, contudo os estudos empíricos na área ainda são bastante escassos. Na revisão bibliográfica realizada para este trabalho, todos os estudos nacionais encontrados foram publicados a partir de 2011, apontando o quanto a pesquisa desse tema ainda é recente no meio acadêmico nacional. Em concordância, Barboza (et. al, 2020) ao realizar uma metassíntese sobre assexualidade apontou que existe uma quantidade limitada de produções que estudam o assunto no país. Ademais, até o momento desta revisão, apenas uma pesquisa empírica (ver OLIVEIRA, 2014) abordou a temática da assexualidade e educação sexual. Destaca-se, assim, a relevância deste trabalho ao buscar aprofundar o conhecimento acerca da intersecção dessas temáticas, de que forma esta afeta a experiência assexual e traçar novos caminhos para inclusão dessas pessoas nos currículos educacionais brasileiros.

Para mais, um dos principais desafios que a assexualidade enfrenta como uma orientação sexual é seu desconhecimento e, conseqüente, incompreensão. Frente a isso, as redes assexuais como a AVEN e a Comunidade Assexual apostam na aliança com o mundo acadêmico para aprofundar o conhecimento sobre a área. Segundo Brigeiro (2013), um dos meios mais importantes adotados pelas comunidades assexuais para obter visibilidade e, conseqüente legitimação da orientação, é a parceria com o universo acadêmico e de especialistas. Por meio da divulgação científica também é possível que os resultados de uma pesquisa consigam alcançar um maior número de indivíduos fora deste ambiente. Com isso, sinaliza-se que quanto maior for a literatura sobre o tema, analisando assexualidade como algo intrínseco, mais a ausência da atração sexual será normalizada e entendida socialmente.

Além disso, D'Andrea e Romagnoli (2018) destacam que ao realizarem sua pesquisa com pessoas assexuais, elas mostravam-se receosas de serem diagnosticadas pelos psicólogos com algum transtorno mental. Os autores sinalizam, ainda, a importância da Psicologia e seus profissionais, no papel de especialistas, refletirem que por vezes seu discurso sobre sexualidade ao invés de libertador pode ser “uma máquina de fazer corpos pedagogizados” (D'Andrea; Romagnoli, 2018, p. 227). Em concordância, a partir das observações feitas para o processo de construção deste projeto, existem diversos relatos de pessoas assexuais que tiveram sua sexualidade vista como um problema ou um transtorno por parte de profissionais da saúde, em especial, por psicólogos. Ressalta-se, então, a proposição de que a ciência tem um fazer político, e que a discussão sobre diversidade sexual e a escola tem um potencial transformativo sobre a realidade (PALMA et al. 2015).

Complementar a isto, o interesse da autora em pesquisar a temática da assexualidade surgiu a partir de sua experiência pessoal ao descobrir a existência dessa categoria em grupos online em meados da década passada. A acadêmica sempre esteve próxima de membros da comunidade LGBT, porém em seu convívio ouvia apenas a palavra assexuado como um adjetivo, nunca como uma orientação realmente existente. Então, o processo de descoberta de grupos online criados por e para pessoas assexuais foi um momento muito marcante, e gerou um desejo de pesquisar em profundidade a experiência destas pessoas. Aspiração que perdurou toda sua formação acadêmica.

Por fim, a perspectiva de interseccionar a assexualidade com a temática escolar surgiu por meio da trajetória acadêmica da autora. Ao longo de seu processo formativo, a pesquisadora atuou em um grupo de extensão voltado para a Psicologia Escolar Crítica podendo, assim, estudar essa teoria e estar em contato direto com adolescentes. Além de seu estágio na educação básica, no qual realizava intervenções em educação sexual com alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Por meio dessas ações, foi possível observar e refletir sobre o atual cenário da educação sexual escolar na rede pública brasileira. A partir disso, a pesquisadora interessou-se em compreender melhor a presença, ou ausência, de políticas públicas e atividades que abrangessem a diversidade sexual dentro do currículo escolar e de que forma isso afeta pessoas da comunidade LGBTQIA+¹³. Em especial, como essa formação é vivenciada por pessoas assexuais, como isso influencia seu processo de auto identificação enquanto assexual, e que proposições são passíveis de serem feitas para contribuir na perspectiva da diversidade sexual.

¹³ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Travestis, Queer, Interssexuais, Assexuais/Arromânticos, + como possibilidade de abarcar outras identidades.

3 MÉTODO

3.1 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo pessoas que se identificam como assexual, em especial, membros do fórum *online* Comunidade Assexual. Este objetiva a troca de experiências entre assexuais brasileiros e pessoas interessadas sobre o tema. A comunidade foi escolhida como foco por conter um número expressivo de membros ativos, ser um dos poucos *sites* brasileiros que congrega pessoas assexuais e sua boa abertura para pesquisadores acadêmicos. Foram considerados os seguintes critérios de inclusão:

1) Identificar-se como assexual estrito ou estar no espectro assexual, tendo em vista que o processo de identificação é parte importante da pesquisa e que o fórum é aberto para pessoas não-assexuais;

2) Ter cursado o Ensino Médio e/ou Ensino Fundamental entre 1998 e 2022; este recorte de tempo objetiva compreender o período de implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento que se destaca para a discussão sobre a educação sexual no país;

3) Ter 18 anos ou mais;

4) Ter terminado, pelo menos, o primeiro ciclo do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Estipulou-se como o único critério de exclusão, participantes que cursaram mais que entre 3 e 5 anos de sua trajetória escolar em outro país.

Responderam ao questionário 12 indivíduos, representados por caracteres alfanuméricos. Contudo, dois indivíduos tiveram suas respostas desconsideradas para análise, em razão de ou não terem respondido nenhuma questão aberta ou por terem estudado mais do que dois anos fora do país, estando, assim, incluídos nos critérios de exclusão. Como apresentado na Tabela 1, entre os participantes 80% encontra-se na faixa etária dos 18 aos 26 anos, 8 participantes são brancos e dois negros. Participaram do estudo dois homens, sete mulheres e uma pessoa não binária, sendo esta a única transgênero da pesquisa.

Tabela 1 - Características pessoais dos participantes

Participante	Idade	Cor	Conjugalidade	Gênero	Trans/Cis	Assexualidade	Romanticidade	Atração Romântica
A1	18-22	Branco	Solteiro	Não binário	Transgênero	Demissexual	Romântico	Bi
B2	31-35	Negro	Solteiro	Masculino	Cisgênero	Demissexual	Romântico	Hétero
C3	23-26	Branco	Solteiro	Feminino	Cisgênero	Estrito	Arromântico	-
E5	27-30	Branco	Solteiro	Feminino	Cisgênero	Estrito	Arromântico	-
F6	23-26	Branco	Solteiro	Feminino	Cisgênero	Estrito	Arromântico	-
G7	18-22	Negro	Solteiro	Masculino	Cisgênero	Grey-A	Romântico	Bi
H8	18-22	Branco	Namoro	Feminino	Cisgênero	Demissexual	Romântico	Homo
I9	18-22	Branco	Solteiro	Feminino	Cisgênero	Estrito	Romântico	Homo
J10	23-26	Branco	Solteiro	Feminino	Cisgênero	Estrito	Arromântico	-
M12	23-26	Branco	Solteiro	Feminino	Cisgênero	Estrito	Romântico	Hétero

Fonte: tabela elaborada pela autora

No momento da pesquisa, 90% dos indivíduos estava solteiro, em contrapartida, seis dos dez identificam-se como românticos, em oposição à arromanticidade. Quanto à direção de sua atração romântica, dois eram homorromânticos (lésbicas), dois birromânticos e dois heterromânticos. Quanto à assexualidade dos participantes, 60% identifica-se como assexual estrito, 30% como demissexual e 10% como grey-A. Metade dos respondentes afirmou ter passado a reconhecer-se como assexual na faixa etária dos 18 aos 22 anos e apenas um relatou ter essa identificação ainda na adolescência. Além disso, 90% dos participantes responderam que já haviam falado sobre sua orientação para amigos, 80% para pessoas online e 50% para seus familiares.

3.2 DELINEAMENTO

A presente pesquisa tem como base a abordagem qualitativa de investigação e consiste em um estudo de caráter descritivo-exploratório. A pesquisa descritiva tem como intuito a caracterização de certa população ou fenômeno, dentro desta descrição podem ser incluídos aspectos como as opiniões, atitudes e crenças dos grupos (GIL, 1987; 2002). O autor aponta, ainda, que os estudos exploratórios visam uma maior familiarização do problema, com o fim torná-lo mais explícito ou construir hipóteses, este tipo de trabalho é realizado especialmente quando o tema escolhido foi pouco aprofundado pela literatura. Frente a isso, esta pesquisa possui um caráter descritivo-exploratório, pois objetiva descrever a grupo de pessoas assexuais e suas opiniões, bem como ampliar o conhecimento sobre esta orientação pouco abordada em estudos brasileiros.

Segundo Minayo (2002), a pesquisa qualitativa responde a questões específicas e busca o aspecto mais profundo dos objetos estudados. Para a autora, esta abordagem visa examinar as relações humanas e o universo dos significados das ações, que não conseguem ser captadas por procedimentos matemáticos. Diante disso, o método qualitativo pode ser aplicado ao estudar-se as relações, representações, crenças, história, percepções e opiniões resultantes das interpretações humanas a respeito de suas vivências, sentimentos e pensamentos (MINAYO, 2014). Conforme Godoy (1995), na perspectiva qualitativa os fenômenos estudados podem ser melhor compreendidos no contexto no qual ocorrem a fim de compreender todos os pontos relevantes e ter uma visão integral sobre o objeto. Em concordância, Minayo (2014) sublinha que esta abordagem é mais adequada para o trabalho em grupos específicos, com destaque para a história social sob a ótica de seus participantes. Assim, o delineamento qualitativo enquadra-se com a proposta de pesquisar em profundidade as vivências e opiniões da comunidade assexual.

3.3 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

Após a aprovação do comitê de ética em pesquisa, foi aberto um novo tópico no fórum dentro da aba 'Enquetes' que tem como fim a postagem de pesquisas para os membros da Comunidade Assexual. Dentro do tópico, a pesquisadora apresentou-se e fez uma breve explicação sobre seu estudo considerando seus objetivos, benefícios e riscos com a finalidade dos participantes fazerem uma decisão informada. Ao fim da mensagem foi deixado o link para o acesso do questionário online. Em razão dos participantes serem acessados por meio das redes sociais e comunidades específicas esta pode-se considerar esta uma amostra não probabilística e por conveniência (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Foi feita a escolha pela pesquisa online devido à característica peculiar da assexualidade de ser uma orientação na qual as pessoas se articulam principalmente por meio da *internet*. Além disso, um dos instrumentos escolhidos - o questionário - vai ao encontro da aplicabilidade nesse meio por possibilitar uma maior abrangência de sujeitos participantes. Adota-se a definição de Gil (1987, p.124) de questionário como uma “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Para mais, o diário de campo foi utilizado como um instrumento auxiliar ao questionário, este é fruto das observações e pontuações feitas ao longo da pesquisa. Como indica Minayo (2014), este instrumento contém as impressões pessoais do pesquisador e que podem ser modificadas ao longo do tempo. Diante disso, nota-se por intermédio do estudo preliminar dos fóruns feito com auxílio do diário de campo que essa comunidade é bastante sigilosa, no sentido de que os membros não expõem seu rosto ou nomes verdadeiros. Assim, um questionário está entre os métodos que mais se aproxima da zona de conforto dos participantes. Como o autor citado acima descreve, entre as principais vantagens de utilizar um questionário estão a possibilidade de garantir o anonimato das pessoas e conseguir alcançar sujeitos espalhados em uma vasta área geográfica. Estes dois pontos são essenciais, pois por ser uma comunidade online seus membros estão dispersos por todo território brasileiro.

As postagens sobre a pesquisa apresentaram de forma breve o objetivo deste estudo, os possíveis riscos/benefícios, os critérios de inclusão e o link para o Questionário de Assexualidade e Educação Sexual exposto no Anexo D. O questionário foi feito por meio do site *Google Forms* que atende todas as demandas necessárias para a criação de um questionário abrangente. A página inicial do formulário apresentará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), que informa de forma clara os objetivos, riscos, benefícios da pesquisa e esclarece a voluntariedade da participação. Nesta página os sujeitos escolheram aceitar o termo e prosseguir para o questionário, ou negá-lo e encerrar sua participação sem qualquer prejuízo.

O Questionário de Assexualidade e Educação Sexual contém 6 seções que mesclam perguntas abertas e fechadas. As três primeiras buscam caracterizar os participantes quanto à aspectos pessoais, seu percurso escolar e sua assexualidade. As seguintes seções mesclam perguntas fechadas, nas quais os sujeitos marcam suas escolhas, e perguntas abertas que contém um espaço para os participantes escreverem com suas próprias palavras sua resposta.

Estes segmentos têm por objetivo conhecer e caracterizar: a escolarização dos participantes, com foco em sua educação sexual; seu processo de identificação com assexual; e aprofundar suas vivências e apontamentos para uma educação sexual mais inclusiva. Ao fim do período da etapa de coleta de dados, o questionário foi fechado e iniciou-se a análise das informações obtidas.

Por fim, ressalta-se que o questionário conta com a coleta automática dos e-mails utilizados para seu preenchimento, pois uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi enviada para os participantes. Estes também foram assegurados pelo Termo de Confidencialidade dos Dados (APÊNDICE C) que garante que as informações serão guardadas de forma segura. Atesta-se, ainda, a confidencialidade dos dados provenientes desta pesquisa e que nenhum nome ou informação que possa identificar os participantes será divulgada.

3.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O presente estudo atende todos os padrões éticos em pesquisa com seres humanos ao seguir as diretrizes presentes na Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob CAAE número: 574904227.7.00000.5346. Por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi assegurado que os participantes tinham livre escolha ao participar da pesquisa e que poderiam desistir a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Certificou-se, também, por intermédio do Termo de Confidencialidade dos Dados, que qualquer publicação resultante deste estudo não utilizará nenhuma informação que identifique os participantes. Os dados desta pesquisa serão armazenados em local apropriado, e ficarão sob a responsabilidade da professora doutora Taís Fim Alberti, em sua sala localizada na Avenida Roraima, no 1000, no Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala no 3208A, bairro Camobi, Santa Maria/RS, CEP 97105-34.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados a partir do Questionário de Assexualidade e Educação Sexual foram divididos em dois segmentos. O primeiro abarca a caracterização dos participantes feita a partir das questões iniciais fechadas do formulário, e foi apresentado de forma descritiva. O

segundo compreende as questões abertas e aquelas fechadas relacionadas a essas que, após serem compiladas, formarão a seção que foi analisada por meio da Análise de Conteúdo categorial proposta por Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo constitui-se como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, por meio de um processo sistemático de descrição dos conteúdos das falas, permite a elaboração de inferências de conhecimentos quanto às condições nas quais essas mensagens foram produzidas.

Conforme a técnica postulada pela autora, a análise dos dados foi guiada de acordo com as etapas descritas a seguir: 1) pré-análise, na qual por meio da leitura flutuante e outros processos, objetiva-se sistematizar as percepções e ideias iniciais a fim de organizar um plano de análise; 2) exploração do material, que consiste principalmente na codificação, decomposição e enumeração do material adquirido; 3) tratamento dos resultados e interpretação, nesta etapa os resultados brutos são tratados de forma a serem selecionados os dados significativos, com a finalidade da pesquisadora propor inferências e interpretações (BARDIN, 2011).

Para mais, segundo Minayo (2002), a Análise de Conteúdo tem como uma de suas funções a descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, não se atendo apenas às aparências e compreendo em profundidade o que está sendo comunicado. Ademais, destaca-se que, por mais que o presente estudo utilize um questionário, a categorização proposta dentro da análise de conteúdo seguiu o processo *a posteriori*, na qual as categorias foram organizadas a partir das mensagens que emergiram dos dados. As informações/observações obtidas por meio das anotações no diário de campo foram agregadas ao processo da análise com objetivo de contribuir para um olhar integral sobre o fenômeno estudado. Ao fim desse processo, emergiram três categorias de análise: 1) Educação sexual escolar: a experiência assexual; 2) O processo de diferenciação: as relações de pessoas assexuais com seus pares no ambiente escolar; 3) Diversidade sexual: apontamentos para uma educação sexual mais inclusiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA ASSEXUAL

Esta categoria tem por objetivo caracterizar e discutir a educação sexual escolar dos participantes e as experiências deles como assexuais frente ao ensino desta. Em um panorama geral, relacionado ao percurso escolar dos indivíduos, metade deles tinha ensino superior incompleto e todos haviam concluído o ensino médio até o momento da pesquisa. Entre eles, a maior parte estudou em escolas particulares, tanto no ensino fundamental, quanto no médio, e a moda do período de conclusão dos estudos foi entre 2011 e 2015, como pode ser observado na Tabela 2. Nenhum respondente concluiu seus estudos antes dos anos 2000, o que permite observar que todos tiveram ao menos parte de seu ensino abarcado pelos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e/ou a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017).

Tabela 2 - Caracterização do percurso escolar

Participante	Escolaridade	Conclusão E.F.	Conclusão E. M.	TIPO E. F.	TIPO E. M
A1	Superior Incompleto	2011-2015	2016-2020	Pública	Pública
B2	Superior Completo	2001-2005	2006-2010	Pública/Particular	Particular
C3	Mestrado	2006-2010	2011-2015	Pública/Particular	Pública
E5	Superior Incompleto	2006-2010	2011-2015	Particular	Particular
F6	Superior Incompleto	2011-2015	2011-2015	Pública/Particular	Particular
G7	Superior Incompleto	2011-2015	2016-2020	Particular	Particular
H8	Ensino Médio	2016-2020	2016-2020	Pública	Pública
I9	Ensino Médio	2016-2020	2020-2021	Pública	Pública
J10	Superior Completo	2006-2010	2011-2016	Particular	Particular
M12	Superior Incompleto	2011-2015	2011-2015	Particular	Particular

Fonte: tabela elaborada pela autora

Ao serem questionados se tiveram aulas ou palestras sobre educação sexual em seu período escolar, 60% dos participantes afirmaram que sim e 40% que não. Dentre os que

apontaram que não, foi possível concluir, por meio de outras perguntas, que metade destes tiveram alguma forma de educação sexual mais básica, pois relataram o estudo de ISTs e anatomia dos órgãos reprodutores.

Dentro dos tópicos possíveis de serem trabalhados em educação sexual, 90% dos participantes afirmam ter estudado a anatomia dos aparelhos reprodutores feminino e masculino, métodos contraceptivos e Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Ainda, todos acreditam que essas temáticas são importantes de serem trabalhadas no percurso escolar. Diante disso, pode-se destacar alguns elementos nas falas dos participantes que relataram como foi seu ensino sobre o tema. Entre esses está o **caráter heteronormativo das ações, a abordagem centrada na aulas de biologia e por vezes a superficialidade com que o tema era trabalhado**, como elucidado na fala dos seguintes participantes:

Lembro-me de aulas simples sobre reprodução humana no ensino fundamental (6º ano do E.F) quando eu tinha 12 anos, e posteriormente no ensino médio, onde tais assuntos foram abordados com mais profundidade, envolvendo métodos contraceptivos, ISTs, majoritariamente em uma perspectiva heteronormativa. - Participante E5

Nas aulas de biologia, apesar de serem discussões superficiais e heteronormativas. - Participante F6

[...] tudo que ouvi sobre "educação sexual" na escola foi meramente a explicação sobre os aparelhos reprodutivos e sobre doenças sexualmente transmissíveis, muito superficialmente. Eu nem chamaria isso de educação sexual propriamente dita, foram raros momentos nas aulas de biologia, então nunca chegamos a conversar sobre coisas como atração sexual e o sexo em si. - Participante A1

Segundo Petry e Meyer (2011), a heteronormatividade pode ser compreendida como uma norma que dita os parâmetros de normalidade para a sexualidade, determinando como natural comportamentos sexuais e atrações apenas entre pessoas de sexos diferentes. O espaço escolar, ao seguir as normas estabelecidas socialmente, pode acabar constituindo-se como um ambiente reprodutor das desigualdades e preconceitos macrossociais. Assim, o discurso escolar e a forma como os sujeitos são tratados seguem o modelo heteronormativo, rotulando o que seria normal ou anormal, ordenando como inferior ou superior sexualidades e comportamentos a partir dos valores héteros (PINO, 2017).

Com o intuito de contextualizar a severidade da heteronormatividade, pessoas que divergem desse padrão são vítimas de diferentes tipos de violências e mortes no país, constituindo um espaço extremamente inseguro para indivíduos LGBTQIA+ (ACONTECE, ANTRA, ABGLT, 2022). O dossiê divulgado por essas agências apontam que a LGBTfobia é algo estrutural, podendo ser definida como a aversão ou ódio baseado na percepção de inferioridade de pessoas LGBTQIA+ em relação à heteronormatividade. “Entre 2000 e 2021,

5.362 (cinco mil e trezentas e sessenta e duas) pessoas morreram em função do preconceito e da intolerância de parte da população. Em 2021, registramos um total de 316 mortes de pessoas LGBTI ” (ACONTECE, ANTRA, ABGLT, 2022, p.16).

Frente a isso, é possível apontar que o ensino em educação sexual dos indivíduos questionados esteve voltado para uma concepção de que todos os educandos seriam heterossexuais. Assim, eles teriam apenas relacionamentos com indivíduos do gênero oposto e, portanto, as temáticas eram trabalhadas com um único viés. Com isso, as discussões levantadas pelos professores estavam voltadas para questões pertinentes à pessoas que têm relações sexuais com o gênero oposto, em especial, métodos contraceptivos e prevenção de ISTs em atividades sexuais homem-mulher. Apesar de julgarem pertinente estes assuntos, os participantes indicam a superficialidade de resumir a educação sexual a apenas estes tópicos.

Para mais, a educação sexual deveria ser trabalhada como uma tema transversal segundo os PCNs, isto é, abarcando diversas disciplinas. Entretanto, ao analisar os PCNs, Fernandes e Pereira (2014) apontam que o discurso sobre sexualidade nos parâmetros segue uma visão majoritariamente biológica, focada na prevenção de doenças e controle da gravidez. Dessa forma, corrobora-se os apontamentos dos participantes de que sua educação teve um enfoque biológico, excluindo qualquer outro aspecto sócio-cultural pertinente ao ensino desta. Em consonância com os resultados deste estudo Marcon, Prudência e Gesser (2016), ao examinarem os trabalhos sobre a temática, destacaram que as reflexões propostas nos PCNs em educação sexual e de gênero apresentam uma profunda disparidade com a realidade escolar, na qual a heteronormatividade e desigualdade de gênero ainda prevalecem.

Em relação à BNCC é possível apreender que, ao não propor uma discussão aprofundada sobre sexualidade humana de forma interdisciplinar, as competências de empatia e cooperação (09) e autoconhecimento (08) não podem ser plenamente desenvolvidas. Pois o documento preza que a educação básica deve fornecer o sustento para que os alunos consigam desenvolver as competências gerais elencadas. Contudo, a partir dos relatos dos participantes, compreende-se que houve um ensino pouco diversificado ou inclusivo, sendo oposto às propostas da BNCC.

Ademais, certos participantes ressaltaram o desconhecimento dos professores frente à temática da diversidade sexual e seu desconforto ao trabalhar o assunto com adolescentes. Em concordância com essa constatação, Vieira e Matsukura (2017) questionam que, para além das políticas públicas e documentos governamentais, é necessário buscar compreender quais suportes e serviços são oferecidos para que os professores consigam implementar a transversalidade na realidade. E, também, que a permanência da educação sexual apenas nas

aulas de biologia ou ciências pode contribuir para a manutenção de práticas que disciplinem a sexualidade (VIEIRA; MATSUKURA, 2017, p.464), sendo esta direcionada para a correção de atividades que fogem à heteronormatividade. Esse desconforto pode ser constatado no relato da pessoa C3 logo abaixo:

Eu esperava estudar órgãos sexuais da mesma forma que estudamos outros órgãos e sistemas do corpo humano. Na verdade, a maior parte da aula era alunos rindo por motivo nenhum. Por este motivo os professores pulavam esta parte da matéria ou era estudado de forma breve. O tema era abordado sem profundidade, sendo basicamente uma listagem de órgãos e hormônios e, eventualmente, um filme sobre parto. - Participante C3

Acredito que muitos professores desconheçam esse espectro da assexualidade. - Participante J10

Quanto à temática de outras formas de relacionamentos românticos, como não monogâmicos ou que não envolvessem sexo, todos os participantes relataram não terem escutado isso na escola e 40% respondeu que sua educação sexual escolar tratava relações sexuais como algo compulsório na vida dos indivíduos, como exemplificado no trecho abaixo. Essa questão torna-se importante ao se constatar que a maior parte dos respondentes é romântico, a assexualidade romântica descentraliza o desejo sexual como o aspecto essencial de um relacionamento romântico, questionando as definições tradicionais de relações afetivas (BRIGEIRO, 2013).

As aulas davam a impressão de que os órgãos genitais e a reprodução eram algo intrínseco ao indivíduo adulto. Como era uma escola católica, eles não abordavam a questão da sexualidade em nossa idade, como se fosse algo que só viria a nos impactar no futuro. - Participante F6

Diante disso, compreende-se que não foram apresentadas aos educandos a variedade e as diferenças entre atração sexual e romântica, tópico importante para uma melhor compreensão de suas vivências quando se é assexual, romântico ou arromântico. Parte significativa da comunidade assexual é romântica, segundo o estudo realizado por Bogaert (2004) cerca de 32,8% de pessoas assexuais encontravam-se em relacionamentos de longo prazo. Ainda, Oliveira e Vianna (2017) apontam que as políticas públicas, como os documentos da PCN e BNCC, ainda discorrem sobre a educação sob um viés de que o interesse sexual e amoroso são experiências universais, fazendo com que a instituição escolar corrobore para o silenciamento da assexualidade. E a compulsoriedade de atos sexuais, ao ser tratada como algo normal e inevitável na vida de todos os seres humanos, acaba por produzir o sentimento de anormalidade e não adequação em assexuais. Esse processo está explicitado no seguinte excerto:

[...] se soubesse o que era a assexualidade e atração sexual teria poupado bastante tempo achando que tinha algo de errado comigo. - Participante M12

Posto isso, é possível que, além da sensação de inadequação, outras consequências extremamente danosas podem advir da não discussão de formas de relacionamento que não envolvam necessariamente atos sexuais. Pessoas assexuais, quando em relações românticas com pessoas não-assexuais, podem ter relações sexuais de forma a agradar seu parceiro ou parceira (OLIVEIRA, 2013, 2014; BOGAERT, 2012). Destaca-se, também, a importância da discussão sobre consentimento em relações afetivas e a necessidade de um diálogo aberto e que considere as necessidades de todos envolvidos nesses tipos de relação. Isso pode ser compreendido de forma explícita a partir do trecho seguinte, sendo este apenas um dos relatos de situações abusivas decorrentes da ideia de que ter relações sexuais é a única forma correta de existir ou se relacionar.:

Acredito que o consentimento é um dos tópicos que mais fez falta, além da compulsoriedade sexual pregada na sociedade, pois já passei por situações abusivas e me culpei por elas por pensar (ser ensinade) que sexo era uma obrigação e que era algo óbvio num relacionamento. - Participante A1

Diante disso, indica-se que a heteronormatividade e, conseqüentemente, a educação sexual escolar que segue esse molde, compreendem que relacionamentos amorosos devem necessariamente incluir atos sexuais. Assim, os jovens que não se adequam a esse padrão podem sentirem-se inferiores, olhando esse fenômeno como algo individualizado, e culpabilizando-se por suas diferenças. E, ao entrar em um relacionamento amoroso em que os parceiros desejam atividades sexuais, isso pode resultar que pessoas assexuais sejam mais vulneráveis a praticarem atos com os quais elas não se sintam confortáveis.

Para mais, 90% dos participantes não teve em sua escola discussões sobre diversidade sexual, a pessoa que teve relatou que foi de forma pouco aprofundada, e todos afirmaram que julgavam ser importante trabalhar esse temas. Ao serem questionados se sua educação escolar os ajudou a se descobrirem assexuais, todos responderam que não, pois nenhum indivíduo escutou falar sobre assexualidade em sua formação escolar. Nove dos dez participantes só conheceram a assexualidade por meio da internet e o outro viu sobre a orientação na televisão:

Foi algo que tive que descobrir sozinha por meio da internet. Digo, o rótulo "assexual", o qual eu não fazia ideia que existia. As sexualidades que eu conhecia durante a infância eram: hetero (o que eu deveria ser, pois era o "normal") e homo, sendo a última conhecida por causa das novelas da Globo que meus pais assistiam. A bissexualidade creio que aprendi na adolescência e foi quando eu comecei a me questionar se eu era de fato "hetero". - Participante E5

Não, pois apenas descobri a assexualidade por meio da internet. No colégio, só havia aulas sobre ISTs. - Participante H8

Além das consequências observadas acima, destaca-se que o desconhecimento da assexualidade levou a um longo processo de descobrimento por parte dos participantes. Esse processo muitas vezes ocorreu de forma vagarosa, em especial, pelo desconhecimento da orientação por parte dos educandos e educadores. A assexualidade, ao não ser nomeada, gera o sofrimento de sentir-se errado ou “com algo faltando”, porque o normal apresentado é a atração sexual, e a educação sexual deveria estar a serviço do autoconhecimento e da apropriação cultural dos jovens. A única forma que os participantes obtiveram para se encontrarem foi por meio da pesquisa online, buscando sinais de pessoas que passavam por questionamentos similares:

Também gostaria que tivessem me apresentado o termo "assexual" antes, então não teria que passar tanto tempo me odiando por não ter um desejo tão "fundamental" e não encontrar uma explicação para isso. - Participante I9

A assexualidade como uma orientação sexual estaria incluída dentro das discussões de diversidade sexual, temática que deveria ser discutida quando percebe-se a sexualidade humana como algo além do posto pelo modelo biológico da heteronormatividade. Ademais, indivíduos assexuais homoafetivos ou bifetivos tornam-se possíveis alvos do preconceito e discriminação que pessoas gays, lésbicas e bissexuais enfrentam (OLIVEIRA, 2013). Entretanto, como se pode concluir por meio dos relatos dos participantes, a educação sexual ainda está voltada para o viés heteronormativo, rechaçando todos aqueles que se sentem fora deste padrão, e resultando no sofrimento físico e psíquico de parte seus alunos.

Acredito que poderia ter tido experiências de vida mais tranquilas e agradáveis se eu e as pessoas ao meu redor tivessem uma maior naturalidade com a falta de atração sexual. - Participante G7

4.2 O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO: AS RELAÇÕES DE PESSOAS ASSEXUAIS COM SEUS PARES NO AMBIENTE ESCOLAR

A escola é um dos principais espaços de socialização para crianças e adolescentes, proporcionando que os jovens descubram como eles se vêem e são vistos pelo mundo, assim como, as diferenças pessoais entre eles. Da mesma forma, é durante os anos escolares que os educandos entram em contato com sua sexualidade e a possibilidade de diversos modos de existência. Diante disso, essa categoria procura analisar as experiências escolares que resultaram no processo de diferenciação de pessoas assexuais em relação a seus pares sexuais.

Entre os questionamentos propostos aos participantes estava a reflexão se em algum momento eles sentiram-se diferentes de seus colegas quando alguma temática sexual era discutida. Dois participantes relatam que não, um em razão de nunca ter trabalhado educação sexual de forma aprofundada, e um terceiro afirmou que só começou a sentir alguma diferença após ter entrado no meio universitário com 17 anos. Os outros sete participantes responderam que sim para esta pergunta e aprofundaram como foi a experiência de sentir-se desconfortável na roda de amigos, ou de que havia algo errado consigo, por não compartilhar dos interesses de seus colegas.

Segundo Oliveira (2014), pessoas assexuais notam que sua sexualidade diverge das pessoas com que convivem, em especial, na época da adolescência, ao se relacionarem com seus pares no ambiente escolar. Eles “percebem que os pares, de forma ‘súbita’, abandonam práticas e atividades consideradas da esfera infantil em prol de interesse por relações amorosas e sexuais” (OLIVEIRA, 2014, p. 203). Em concordância, os participantes relataram que seus interesses e experiências destoavam daquela de seus colegas quando o assunto era amoroso ou sexual. Como indicado nos relatos abaixo, eles sentiam-se perdidos ou alienados porque seus desejos não estavam alinhados com aqueles de seus pares, assim não conseguiam se relacionar em situações sociais de forma confortável.

Sim, me sentia perdida por não experienciar o mesmo que meus colegas. - Participante H8

Sim. Porque não tinha interesse em ninguém. - Participante C3

Muito. A partir de uma época, todos à minha volta só falavam sobre gostar de alguém, beijar, primeira vez com o namorado, e eu me sentia bastante alienada. Enquanto isso, eu ainda gostava de brincar de boneca.- Participante F6

Sim! Essa temática sempre me deixou >muito< desconfortável, sobretudo quando discutido por pessoas da minha idade. - Participante I9

[...] durante conversas sobre sexo que eram comuns durante a adolescência entre grupinhos, até mesmo com a participação de professores, sim [sobre sentir-se diferente]. Nunca participava, e me sentia doente apenas de ouvir as conversas de longe. Extremamente desconfortável. - Participante E5

Leal (2016), ao buscar analisar o desenvolvimento na adolescência de acordo com a Psicologia Histórico-Cultural, encontra em Elkonin (1987) uma compreensão de que nesse período há o desenvolvimento de uma atividade especial, o estabelecimento de relações íntimas entre os adolescentes. Essa fundamenta-se na comunicação e no laço com o outro, proporcionando relações que tem por base a vida interior - normas e regras - do grupo. Sendo essas, estruturas importantes para a formação da personalidade do adolescente. Por meio da comunicação com seus colegas, os adolescentes formam seu ponto de vista sobre o mundo, os

outros e seu próprio futuro, assim, passando a constituir um sentido pessoal para a vida (FACCI, 2004).

Para mais, Elkonin destaca que a opinião dos adolescentes sobre si mesmo está alinhada com a valoração que seus pares fazem, tendo essa mais importância que a posição dos pais ou professores (1960, apud MARTINS; ABRANTES; FACCI, 2020). Os autores também ressaltam que nesse período o adolescente se enxerga com a visão dos outros, isto é, sua autoestima e concepção de si está atrelada a como o grupo o vê. A partir dessa compreensão, é possível entender o sentimento dos participantes de que quando ele não está de acordo com as normas e interesses grupais há um problema consigo. A identidade dos jovens está fortemente atrelada àquela de seus pares, então, ao não se identificar com ela, surge um processo de questionamento individualizado que pode levar à depreciação, como indicam os relatos a seguir:

Sim. Sempre achei que fosse diferente dos meus colegas, mas não sabia o que era assexualidade. Então eu pensava que era um problema em mim mesmo. Que tinha algo errado comigo. Enquanto meus colegas todos tinham namoradas e ficantes, eu era um dos poucos solteiros e sempre sobrava quando ia nas festas. - Participante B2

Um adolescente com vida sexual ativa exibia mesmo um "status", era invejável, desejável. Enquanto nunca me imaginei nessa posição, não consigo desejar isso da mesma forma que os outros. Sempre me sinto muito mal por isso. [...] se tivesse chegado a mim algum conhecimento sobre a assexualidade, não passaria tanto tempo me auto depreciando, questionando e odiando por não entender o que me faltava. Meu processo de descoberta e aceitação está muito longe de acabar, mas tem sido algo muito difícil. - Participante I9

Além disso, outros respondentes apontaram que para se encaixarem nos padrões esperados dentro do seu grupo de pares eles tiveram atitudes que os deixavam desconfortáveis. Em especial, é possível destacar que alguns indivíduos passaram por situações abusivas e tiveram relações sexuais que na realidade não desejavam. Em consonância com a literatura indicada acima, o papel do grupo e sua valoração são de extrema importância para o adolescente e, ao entender que as relações sociais ainda são pautadas na heteronormatividade, consequentemente são a maioria dos grupos escolares. Essa norma pauta que a sexualidade aflora na adolescência e culmina em relações sexuais entre indivíduos de sexos opostos. Diante disso, os participantes afirmam que sentiram-se pressionados ou forçados a terem relacionamentos e/ou realizar atos sexuais, como explicitado na fala do participante E5 e exemplificado na fala dos outros indivíduos:

Muitos assexuais sentem-se confusos no início pois são facilmente influenciados pelas pressões sociais de começarem um relacionamento romântico e/ou iniciar a vida sexual, e pela "amatonormatividade" advindas das mídias de entretenimento.

Nunca foi meu caso. Mas eu sei que isso é comum entre os jovens AroAce's atualmente. - Participante E5

Apesar de nem saber o que era assexualidade na época, já vivia de acordo e sempre fui pressionado, de forma direta e indireta, a passar por situações que não eram relacionadas a meus desejos pessoais ou contextos em que não me sentia confortável. - Participante G7

Sim. Se eu soubesse que fosse assexual desde a época da escola teria evitado muitos constrangimentos, como eu me forçar a entrar em relações sexuais e amorosas sem ter vontade, apenas com a necessidade de me provar. - Participante B2

Na minha adolescência e início da vida de jovem adulta, eu me forçava muito em relacionamentos, o que causou muitos traumas e abusos que me marcam até hoje. - Participante F6

Para mais, destaca-se que o estranhamento entre os pares é um movimento que pode ocorrer nos dois sentidos. De acordo com o estudo de Oliveira (2014), pessoas assexuais usam com frequência a palavra “diferente” para descreverem a si mesmos em relação às vivências de seus colegas na adolescência. Em contrapartida, o grupo também pode perceber o indivíduo assexual como um certo estranhamento. Processo que pode ser compreendido a partir das três respostas que os participantes forneceram à pergunta se já sofreram alguma discriminação no ambiente escolar por ser assexual. Como elucidado na fala o indivíduo B2:

Não diretamente, mas sempre me olhavam estranho, me sentia meio excluído das coisas. Mas não necessariamente tinha ligação com assexualidade (mas tbm pq acho que eles pensavam que eu era gay), pq eu sempre fui uma pessoa mais reservada e com poucos amigos. - Participante B2

Os participantes não afirmaram ter sofrido alguma discriminação direta por sua sexualidade, e sim, serem alienados ou excluídos por suas ações não condizerem com as expectativas do grupo. Ainda, há a suposição de homossexualidade, ocorrência comum com aqueles que não se assumem assexuais ou são desacreditados em sua orientação, que pode ocasionar atitudes discriminatórias mais severas. Diante disso, nota-se que vários participantes ao perceberem sua diferença, e não compreendê-la como assexualidade, ou tentavam conformar-se às normas grupais e relacionar-se sexualmente ou sofreram algum processo de exclusão/estranhamento por parte dos outros.

A escola, como instância socializadora, ao não discutir os diversos modos de viver o amor e a sexualidade, acaba por contribuir para a patologização dos jovens que não desejam ser sexualmente ativos. Da mesma forma, esses sujeitos, por acreditarem que há algo errado consigo, podem sentirem-se inferiores àqueles tidos como “normais” e tentarem se conformar às regras sociais heteronormativas (OLIVEIRA, 2014). Diante disso, aponta-se que a discussão da sexualidade sob outras perspectivas, ao longo de todo o ensino básico, pode

contribuir para que todos educandos estejam abertos para a diversidade e respeitem as diferenças entre seus colegas.

4.3 DIVERSIDADE SEXUAL: APONTAMENTO PARA UM EDUCAÇÃO SEXUAL MAIS INCLUSIVA

A discussão sobre diversidade sexual no ambiente escolar oportuniza um espaço de ensino democrático e promotor de transformação sociais, tendo em vista que os educandos conseguem refletir criticamente sobre as diversidades, e passem a perceber o outro como um sujeito de direitos (PINO, 2017; FERNANDES; PEREIRA, 2014). Como demonstrado, esse processo citado pelos autores não ocorreu ao longo percurso escolar dos participantes, porém todos salientaram a importância desse tema como forma de abarcar sua própria orientação, bem como, traçar novos caminhos para uma educação menos heteronormativa e preconceituosa. Em consonância, a escola precisa, para além da transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados, vincular estes a uma formação questionadora sobre aspectos políticos e sociais, promovendo a formação de indivíduos críticos (PINO, 2017; MAIA; RIBEIRO, 2011). Tais aspectos seriam, então, trabalhados com o viés da pluralidade, equidade e garantia de direitos que a perspectiva da diversidade sexual contém.

Em vista dos desafios apontados pelos participantes em relação ao seu percurso em educação sexual no ensino básico, questiona-se quais movimentos e tópicos deveriam ser trabalhados para que as pessoas assexuais tenham suas necessidades incluídas nesse processo. Com isso, esta categoria busca indicar caminhos e assuntos que os participantes mencionaram para que o país tenha uma educação sexual mais abrangente. O primeiro conteúdo que se destaca, por estar presente em todos os relatos, é a questão da diversidade sexual, como demonstra os seguintes relatos:

Explicar com mais clareza e menos superficialidade a assexualidade. Incluir as várias formas de sexualidade e de orientação, com certeza faria muita diferença. - Participante B2

Creio que poderiam incluir resumidamente as sexualidades diferentes. Atualmente há muita informação por meio da mídia e da internet. - Participante E5

A existência de outras sexualidades além do estabelecido pelo padrão heteronormativo. - Participante H8

Grupos LGBTQI+ para que assim se conheça também a assexualidade. - Participante M12

A assexualidade é uma das muitas orientações marginalizadas e invisibilizadas

socialmente, e o mesmo é refletido na escola, assim dificultando o auto reconhecimento dos estudantes como assexual. Fernandes e Pereira (2014) levantam um ponto importante, ao refletir sobre a história das sexualidades diversas vozes são silenciadas, em especial, no espaço escolar, no qual sujeitos são tratados como invisíveis em uma sexualidade solitária. Os autores salientam ainda que na escola incuti-se nos educandos o pensar e agir da sociedade, incluindo seu aspecto sexual e que, ao excluir o discurso sobre diversidade desta instituição, os sujeitos são compartimentados ao não terem esse aspecto de si reconhecido. Em concordância, Pino (2017) discorre sobre que o preconceito está para além das expressões ou ações, mas também na omissão, e que essa no ambiente escolar resultará na aprendizagem de certos comportamentos, como no caso deste estudo a negação e não nomeação da assexualidade.

Sendo assim, apenas um participante identificou-se como assexual ainda adolescente, fase em que comumente são feitas as descobertas de orientação sexual, os outros todos só fizeram esse processo em sua vida adulta. É possível concluir que foi com esta motivação que boa parte dos respondentes especificaram em seus relatos que a assexualidade deve ser abordada dentro do discurso sobre diversidade sexual. Como comunicado nos excertos abaixo em resposta à questão “O que você julga ser importante de ser trabalhado nas escolas, em educação sexual, para que as necessidades de pessoas assexuais sejam contempladas?”

Melhores explicações em vídeos e textos didáticos, trazer exemplos e vivências de pessoas assexuais. Talvez ter incluído na educação sexual de crianças, pois a maioria dos assexuais se sentiram desde a infância deslocados, e acho que saber sobre o tema desde criança, deve poupar muitos problemas futuros. - Participante B2

Normalizar e explicar corretamente a assexualidade, creio. Informar que é algo que existe (um dos maiores problemas). Desfazer os pré conceitos errôneos em torno da assexualidade. Apenas mostrar que o diferente da maioria existe e está tudo bem. Seria um ótimo começo. - Participante E5

Apresentar a assexualidade não como uma exceção à regra, mas uma coisa normal que simplesmente é assim como todas as outras. - Participante G7

Para mais, é possível destacar entre as respostas dos participantes a necessidade da assexualidade não apenas ser incluída, mas que tenha suas peculiaridades apresentadas e respeitadas. Se a compulsoriedade sexual perpetuar no ensino de educação sexual, a assexualidade não conseguirá ser vista como uma orientação válida. Assim, a atração sexual não pode ser naturalizada como um traço essencial da existência humana. Ainda há uma associação entre assexualidade com patologias, que algo neles está errado, e que de alguma forma pode ser consertado, os respondentes indicam que essa concepção deve ser

combatida nas escolas. Diante disso, os participantes pedem que sua existência como assexual respeitada, que não duvidem de suas experiências e identidade, como observado abaixo:

[...] que não é opção, e "desconversão" não existe. Apesar de muito abordada quando falando de homossexuais, e que não existe "cura gay", é preciso enfatizar que fazer qualquer tipo de atividade (como sexo) não vai fazer com que assexuais se tornem alossexuais¹⁴. [...] Escutamos muito que na verdade "apenas não encontramos a pessoa certa", mas eu sou uma pessoa completa e posso me entender sozinha. Eu não preciso tentar um certo número de vezes fazer nada para decidir que não gosto e que não quero. - Participante C3

Que o sexo não seja encarado como requisito para relações românticas. A não associação da assexualidade a distúrbios ou comportamento religiosos também seria de alguma ajuda. - Participante I9

Que está tudo bem não querer ter relacionamentos românticos ou sexuais. Que uma pessoa e, principalmente, uma mulher pode ser feliz e completa sem filhos ou cônjuges. Assexuais podem se sentir plenos com carreira, empresas, projetos e afins. - Participante J10

[...] estudos que coloquem em xeque a compulsoriedade sexual; diferença entre atração sexual e afetiva, além da assexualidade como o que ela é, uma orientação sexual válida e que merece respeito. - Participante A1

Em concordância, Oliveira (2014) indica que uma educação sexual escolar que acolhe pessoas assexuais deveria ser pautada na diversidade sexual, desenvolvendo o respeito às diferenças de cada sujeito. Dentro disso, a assexualidade seria tratada como uma variação normal da sexualidade humana, e seriam introduzidas discussões sobre a compulsoriedade do desejo sexual e sua dissociação do interesse amoroso. Com isso, a escola também promoveria a aceitação social dessa sexualidade e seria uma instituição mais inclusiva com todos que se sentem fora do padrão heteronormativo (OLIVEIRA, 2014). Compreende-se que “a consciência de que somos todos/as indivíduos singulares - dentro da diversidade - e de que é mais importante a busca pela realização pessoal do que a procura pela conformação a padrões pré-estabelecidos” (OLIVEIRA; VIANNA, 2017, p.146) devem ser a base de todas as ações escolares com a intenção de combater a discriminação e fomentar o respeito à diversidade sexual.

Todos os participantes afirmaram ser importante trabalhar questões como anatomia, métodos contraceptivos e prevenção à ISTs, isso esteve presente tanto em suas respostas fechadas quanto em seus relatos. Porém, eles pensam ser necessário acrescentar outros tópicos que julgam ser importantes não apenas para sua formação, mas para de qualquer pessoa, assexual ou não. Entre esses está, principalmente, a discussão sobre consentimento e

¹⁴ Alossexual é o termo utilizado para pessoas que sentem atração sexual, sendo considerado o oposto da assexualidade.

o conhecimento sobre o próprio corpo, isso ajudaria os indivíduos a saberem quais são seus limites e desejos. Além de esses dois assuntos serem essenciais para uma educação sexual que efetivamente aborde a urgente questão dos abusos sexuais, é preciso que todos saibam conversar sobre consentimento, é preciso que crianças e jovens saibam como identificar assédios e como buscar ajuda. Os trechos a seguir encapsulam a abrangência das temáticas sugeridas pelo participantes:

Aparelhos reprodutivos, prevenção à DSTs e à gravidez precoce, diversidade sexual, prevenção e defesa contra abuso sexual. - Participante J10

Acredito que no início do ensino fundamental seja importantíssimo serem trabalhadas questões de reconhecimentos dos órgãos genitais e demais partes do corpo com o intuito de, além da criança conhecer seu próprio corpo, alertar sobre os limites entre ela e o outro, criando na criança a noção de que existem toques que não devem ser considerados normais, ajudando na denúncia de abuso infantil. Nesta fase também julgo importante já iniciar estudos sobre a construção de noções de gênero. Já no final do ensino fundamental e ensino médio acredito que seja crucial trabalhar sobre DSTs, métodos contraceptivos e questões sobre orientação sexual, assim como falar sobre consentimento e sobre a diferença entre atração e/ou relação sexual e afetiva. - Participante A1

Posto tudo isso, o trabalho sob a perspectiva da diversidade sexual torna-se algo vital ao ambiente escolar, visto que a educação com um caráter emancipatório possibilita uma reflexão frente às problemáticas sociais. Ressalta-se essa importância, pois a escola e os membros de sua comunidade podem acabar por reproduzir preconceitos, assim atividades que trabalhem a diversidade sexual, especialmente no sentido da garantia de direitos humanos, podem combater atitudes discriminatórias (PINO, 2017). A escola ao permitir discussões sobre a temática faz com que toda a comunidade escolar participe e reflita sobre sua própria sexualidade, oportunizando que as mais diferentes identidades sejam vistas, que saiam da fronteira, e não sofram mais sob a lógica excludente do discurso heteronormativo (FERNANDES; PEREIRA, 2014). Por fim, todas afirmações dos respondentes estão em consonância, e podem ser abarcadas, pela proposição de Maia e Ribeiro (2011, p.79) sobre como seria deveria ser a educação sexual escolar:

Uma educação sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. Acreditamos que essa postura crítica é fundamental para a formação de atitudes preventivas e saudáveis sobre a sexualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender como pessoas assexuais experienciaram seu processo de educação sexual e, dentro desse, se suas necessidades específicas foram abarcadas. Por intermédio das respostas fechadas e, sobretudo, dos relatos nas questões abertas, foi possível identificar que a educação sexual dos participantes foi bastante superficial e não os preparou para os desafios que pessoas assexuais vivenciam. Nenhum participante sequer ouviu falar sobre a assexualidade no ambiente escolar, denota-se que o mesmo possa ter ocorrido com outras minorias sexuais e de gênero. Desse modo, seu processo de autoidentificação foi dificultado e, por vezes, mais doloroso por terem vivenciado diversas situações desconfortáveis/violentas previamente em razão desse desconhecimento.

Os respondentes relataram que sua educação foi perpassada por um viés heteronormativo e seguia um modelo biológico. Com isso, questões importantes como, a discussão de atração sexual e romântica serem aspectos diferentes não foi discutida, assim, fazendo que os participantes acreditassem que relacionamentos afetivos necessariamente envolvem atos sexuais. Além do sexo, e atração sexual, terem sido tratados como algo experienciado por todos, reforçando o estigma da assexualidade como uma patologia e, também, resultando no sofrimento psíquico dos indivíduos por acharem que há algo errado consigo.

O caráter biológico da educação sexual indica que apenas alguns tópicos poderiam e, de fato, foram trabalhados. Todos julgaram que conhecer métodos contraceptivos, ISTs e anatomia humana é essencial, contudo, isso não bastou. A sexualidade humana é fenômeno complexo perpassado também por questões sociais e políticas, para que ela seja abordada de forma mais completa torna-se indispensável um olhar biopsicossocial. Observa-se que relegar apenas aos professores de ciências todo esse processo educativo dificulta essa compreensão, sendo necessário que a sexualidade seja trabalhada por educadores das mais diversas áreas do conhecimento, em uma ação verdadeiramente interdisciplinar. Apesar dos desafios dos professores não terem sido abordados nesta pesquisa, indica-se como essencial o processo de uma formação continuada de qualidade nessa temática.

Em relação aos documentos governamentais, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traçam alguns pontos sobre a educação sexual. A partir da análise dos dados, pôde-se concluir que tais pontos não se refletem na realidade brasileira. A interdisciplinaridade e as competências preconizadas não foram

desenvolvidos segundo os relatos dos participantes. Tais documentos, em ordem cronológica, apresentam, ainda, um retrocesso para as políticas em educação sexual, pois a BNCC não traz um caderno específico para o tema. Os currículos escolares e professores da educação básica necessitam de guias próprios sobre sexualidade, e que esses sejam abrangentes o suficiente para nortear sua atividade educacional.

Para mais, sinaliza-se como um possível tema para outros estudos a percepções dos professores no trabalho com pessoas assexuais. Em especial, propor com eles uma discussão de como a diversidade sexual pode ser implementada de forma concreta nos currículos escolares. Um dos objetivos atingidos neste estudo foram as concepções de pessoas assexuais para um educação sexual verdadeiramente transformadora, esses dados apresentam uma enorme potencialidade para o futuro escolar do país. Os indivíduos sugeriram uma visão pluralista da sexualidade, e que temas como consentimento, conhecimento sobre o próprio corpo e diversidade sejam inseridos. Esses aspectos estão para além de uma única orientação, são conhecimentos fundamentais para todos, e apontam um caminho para uma educação que valoriza os direitos humanos.

Ademais, a comunidade assexual congrega-se *online*, a internet é parte central da organização da identidade assexual. Com isso, observa-se que um instrumento de pesquisa na rede é necessário para atingir esse público, e o questionário deste estudo serviu bem para esse fim. Entretanto, algumas particulares não conseguiram ser atingidas porque foi utilizado um instrumento com estrutura fechada, foi preciso padronizar todas as questões e selecionar as perguntas essenciais. Dessa forma, este estudo deparou-se com algumas limitações em sua análise - indicados no próximo parágrafo - e que talvez poderiam ser superados com entrevistas *online*. Também ressalta-se que o fórum Comunidade Online, utilizado como campo de pesquisa, é um espaço bastante receptivo e com um enorme potencial para uso em futuros trabalhos acadêmicos.

Entre os possíveis limites desta pesquisa, aponta-se que não houve um aprofundamento em questões de gênero e as influências deste no processo de socialização no período educacional. Em razão de apenas dois participantes serem homens, e não existirem perguntas específicas sobre gênero no questionário, não se pôde discutir se as experiências deles continham alguma particularidade no percurso de diferenciação entre os pares. Para mais, alguns participantes indicaram um desconforto profundo ao participar em discussões sobre atos sexuais, no discurso online existem pessoas que identificam-se como *sex repulsed* (repulsa ao sexo), e surge o questionamento não abarcado no questionário se algum dos respondentes entra nessa categoria. Outro recorte que não foi explorado neste estudo, foi a

diferença no trato do tema entre escolas públicas e privadas, em específico, instituições particulares de cunho religioso que podem deliberadamente censurar aspectos da sexualidade humana.

Além disso, a assexualidade propõe a reflexão de conceitos que englobam toda sexualidade, como diferentes atrações e o que define uma orientação sexual. A conceituação utilizada neste estudo, da assexualidade ser uma orientação sexual na qual as pessoas experienciam atração sexual baixa, nula ou condicional, sendo assim um espectro, está em consonância com os desejos manifestos pelos participantes. Entre eles, alguns identificavam-se com demisssexual, grey-a ou estrito, sinalizando as variações do espectro. A questão sobre ser uma orientação sexual fica evidente nos relatos dos participantes, sua atração sexual não é uma escolha, é parte intrínseca deles, por isso todos desejam que a assexualidade seja normalizada e tratada como uma orientação.

Por fim, dentro dessa questão, considera-se que esta pesquisa torna-se relevante por contribuir para a difusão do conhecimento sobre assexualidade como uma orientação sexual. A patologização, a descrença e o desconhecimento sobre a assexualidade são uns dos principais desafios que pessoas assexuais enfrentam. Assim, ao expor suas vivências em interlocução com autores que as apoiam, espera-se fomentar a discussão sobre a normalização da assexualidade e sua visibilidade para a sociedade. Ainda, acredita-se que os achados deste estudo possam auxiliar educadores a incorporarem em trabalho discussões sobre conceitos importantes para pessoas assexuais, contribuindo para a promoção do respeito à diversidade no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ACONTECE, Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). **Morte e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021**. Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022. Disponível em: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2021/>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, Quinta Edição (DSM-V). Traduzido por Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARBOZA, A. M. M. et al. Metassíntese do conceito de Assexualidade. *In: Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama*. MELO, I. F., AZEVEDO, N. D. (org.) Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 384-400. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65143>. Acesso em: 27 set. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. - São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, P. V. **Avessos do excesso: a assexualidade**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual Paulista. Assis, 2015.

BOGAERT, A. F. Asexuality: Prevalence and Associated Factors in a National Probability Sample. **The Journal of Sex Research**, v. 41, n. 3, p. 279-287, Aug./2004.

BOGAERT, A. F. Toward a Conceptual Understanding of Asexuality. **Review of General Psychology**, v. 10, n. 3, p. 241- 250, Agu./2006.

BOGAERT, A. F. **Understanding Asexuality**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2012.

BOGAERT, A. F. Asexuality: what it is and why it matters. **Journal of sex research**, p.1-18, Mar./2015.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular-BNCC**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRIGEIRO, M. A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo. **Sexualidad, salud y sociedad: revista latinoamericana**. n. 14, ago. 2013, p. 253-283.

D'ANDREA, L. S.; ROMAGNOLI, R. C.. Deslocando sobre o arco-íris com tonalidades cinza e preto: assexualidades em trânsito. **Revista Ártemis**, v. 25, n. 1, p. 219, 2018.

FACCI, M. G. D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.

FERNANDES, C. F.; PEREIRA, A. L. Políticas públicas para a diversidade sexual em contexto escolar: realidade ou utopia? **Revista CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 6, n. 2, p. 129-150, 2014. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1170>>. Acesso em: 5 ago 2021.

GAZZOLA, S. B.; MORRISON, M. A. **Assexuality**: an emerging sexual orientation. University of Saskatchewan: Canada, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/257921632_Asexuality_An_emergent_sexual_orientation> Acessado em 22/07/2021.

GIL, A. C.. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulos: Atlas, 1987.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p.20-29, mai./jun. 1995.

HINDERLITER, A. C. **The evolution of online asexual discourse**. Tese (Doutorado em Filosofia da Linguagem) - Universidade de Illinois. Urbana, 2016.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTI, C. E. **Sexual behavior in the human male**. Philadelphia Pa: W.B. Saunders, 1948.

KINSEY, A. C.; POMEROY, W. B.; MARTI, C. E.; GEBHARD, P. H. **Sexual behavior in the human female**. Philadelphia Pa: W.B. Saunders, 1953.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, Z. F. R. G. **Adolescência, educação escolar e constituição da consciência**: um estudo sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural. Maringá: Eduem, 2016.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v.15, n.1, p.75-84, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341262997_EDUCACAO_SEXUAL_PRINCIPIOS_PARA_A_ACAO_Doxa_v15_n1>. Acesso em: 9 ago 2021.

MARCON, A. N.; PRUDÊNCIO, L. E. V.; GESSER, M. Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v. 20, nº 2, p.291-30, mai-ago/2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0202968>>Acesso em: 9 ago 2021.

MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Org.). **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico**: do nascimento à velhice. Campinas, SP :

Autores Associados, 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. - São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, E. R. B. Saindo do armário: a assexualidade na perspectiva da AVEN – Asexual Visibility and Education Network. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Florianópolis, 2013. p. 1-10.

OLIVEIRA, E. R. B. “**Minha vida de ameba**”: os scripts sexonormativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, E. R. B.; VIANNA, C. Educação e assexualidade: uma das dimensões da desigualdade no universo escolar. *In*: **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. RIBEIRO, P. R. C.; CORPES, J. (org.) Magalhães - Rio Grande: Ed. da FURG, p.135 - 147, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/7097?show=full>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

PALMA, Y. A. et al. Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 727-738, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PETRY, A. R.; MEYER, D. E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan./jul. 2011. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/7375#:~:text=Resumo,que%20escapam%20%C3%A0%20norma%20heterossexual.>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

PINO, A. M. O. **Diversidade sexual e educação**: uma relação de desafios e possibilidades. Natal: IFRN, 2017. Disponível em: <<https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/1504?show=full>>. Acesso em: 14 ago 2021.

SILVA, C. S. F.; BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. Base nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, nº esp. 2, p.1538-1555, jul/2019. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12051/8347>>. Acesso em: 3 ago 2021.

SILVA, D. R. Q.; COSTA, Z. L. S.; MÜLLER, M. B. C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação. **Educação**, vol. 41, nº 1, p. 49-58, jan-abr 2018. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84857099008>> Acessado em: 18 nov 2021.

STORMS, M. D. Theories of sexual orientation. **Journal of personality and social psychology**, v. 35, nº 5, p. 783-792, Mai. 1980.

THE ASEXUAL VISIBILITY E EDUCATION NETWORK (AVEN). **About sexuality**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.asexuality.org/?q=overview.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.

TORRES, M.A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola**. 2ª edição. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2013.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p.453-474, abr.-jun./2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782017226923>>. Acesso em 13 ago 2021.

APÊNDICES**APÊNDICE A – JUSTIFICATIVA PARA AUSÊNCIA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Título do projeto: Assexualidade e diversidade sexual: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar

Pesquisadora responsável: Prof.a Dra. Taís Fim Alberti

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Departamento de Psicologia

Telefone para contato: (55) 992004573 (Prof.a Taís) ou (55) 981559949 (Jéssica)

Endereço: Avenida Roraima, no 1000, prédio 74B, sala 3208A, Camobi, Santa Maria/RS.

JUSTIFICATIVA PARA AUSÊNCIA DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Justifica-se, por meio desta, a ausência do documento de Autorização Institucional para o projeto intitulado “Assexualidade e diversidade sexual: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar” devido ao fato de que este é dispensável para a realização da pesquisa. Conforme explanado no método deste projeto, os participantes do estudo serão contatados a partir de convites diretos, bem como a partir de indicações, não havendo interlocução com nenhuma instituição.

Data: Março/2022.

A handwritten signature in purple ink that reads "Alberti".

Prof^ª. Taís Fim Alberti

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Título do projeto: Assexualidade e diversidade sexual: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar

Pesquisadora responsável: Prof.a Dra. Taís Fim Alberti

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Departamento de Psicologia

Telefone para contato: (55) 992004573 (Prof.a Taís) ou (55) 981559949 (Jéssica)

Endereço: Avenida Roraima, no 1000, prédio 74B, sala 3208A, Camobi, Santa Maria/RS.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, professora Taís Fim Alberti, responsável pela pesquisa “Assexualidade e diversidade sexual: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar”, o convido para participar como voluntário(a) deste estudo.

Esta pesquisa tem como objetivo apreender as percepções de pessoas assexuais sobre sua educação sexual escolar. Ou seja, buscamos compreender como você experienciou seu ensino em educação sexual durante os anos de escolarização. Acreditamos que a sua participação será importante pois nos ajudará a entender como os currículos escolares e as atividades desenvolvidas a partir destes têm abarcado ou não sua experiência como assexual. Com isso será possível contribuir para o entendimento científico na área da Psicologia Escolar, e auxiliar na construção de um conhecimento mais aprofundado sobre o ensino em educação sexual que inclua os mais variados aspectos da diversidade sexual.

Sua participação na pesquisa se dará por meio do preenchimento do Questionário de Assexualidade e Educação Sexual. Trata-se de um questionário online que estará dividido em 6 seções: Características pessoais; Sobre sua assexualidade; Caracterização do percurso escolar; Sobre educação sexual escolar; Assexualidade na escola; e Propostas para uma nova educação sexual. Este questionário tem por objetivo caracterizá-lo e como foi sua formação no Ensino Fundamental e Médio, bem como, apreender suas experiências e percepções sobre sua educação sexual escolar. As três primeiras seções contêm perguntas fechadas (de marcar), e as três últimas mesclam perguntas fechadas e abertas (que pedem para você escrever algo com suas palavras). Estima-se que seu preenchimento demore cerca de 15 minutos. Sua participação será realizada de forma online, por meio do site Google Forms.

Sobre os possíveis riscos ao participar da pesquisa, destaca-se que os riscos de participação no estudo são mínimos, sendo possível apresentar cansaço durante a coleta de dados ou desconforto ao relembrar sobre suas experiências nos anos escolares e seu processo de autodescoberta como assexual. Será possível entrar em contato com as pesquisadoras pelo e-mail ou números disponibilizados neste documento caso você observe algum desconforto causado pelo preenchimento do questionário. Se preciso, após a manifestação de desejo, a pesquisadora poderá encaminhar o participante para sessões de acolhimento/atendimento psicológico gratuito oferecido pelos profissionais vinculados ao Núcleo Compartilha do Curso de Psicologia. Os atendimentos ocorrem de forma online para os pacientes e o profissional psicólogo trabalha a partir do espaço físico da Clínica de Psicologia do Curso de Psicologia da UFSM, localizada no Prédio 74B, na Avenida Roraima, no 1000, bairro Camobi, Santa Maria – RS.

Por outro lado, considera-se que essa pesquisa pode oferecer benefícios à sua participação, visto que, a partir das perguntas abertas, os participantes poderão refletir sobre seu processo de autodescoberta como assexual. Ademais, acredita-se que os resultados deste estudo serão relevantes na construção de conhecimento acerca da assexualidade como uma orientação sexual e sua inclusão na perspectiva da diversidade sexual. Bem como, proporcionará a escuta das vivências de pessoas assexuais brasileiras, uma proposta pouco explorada dentro da Psicologia, assim contribuindo para uma maior visibilidade da orientação no âmbito acadêmico.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com a pesquisadora através do número informado acima, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa. Uma cópia deste termo será enviado por e-mail para todos os respondentes do formulário com a assinatura da pesquisadora responsável.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas apenas em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação. As informações coletadas a partir deste estudo serão arquivadas, por um período de cinco anos, na Universidade Federal de Santa Maria, no seguinte endereço: Avenida Roraima, no 1000, UFSM, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3208A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS. Após este prazo, todas as informações coletadas serão descartadas.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha

concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

A handwritten signature in purple ink, appearing to read 'Alberto', is written over a horizontal line.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

APÊNDICE C – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Título do projeto: Assexualidade e diversidade sexual: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar

Pesquisadora responsável: Prof.a Dra. Taís Fim Alberti

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Departamento de Psicologia

Telefone para contato: (55) 992004573 (Prof.a Taís) ou (55) 981559949 (Jéssica)

Endereço: Avenida Roraima, no 1000, prédio 74B, sala 3208A, Camobi, Santa Maria/RS.

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE DOS DADOS

As responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de um Questionário de Assexualidade e Educação Sexual, o qual será respondido pelos participantes de forma online.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizada na Avenida Roraima, nº 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3204, Bairro Camobi, Santa Maria/RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Profª Pesquisadora Taís Fim Alberti. Após este período, os dados serão descartados.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em 12/04/2022., com o número de registro Caae 57490422.7.00000.5346.

Santa Maria, 14 de abril de 2022.

Profª. Drª. Taís Fim Alberti

Pesquisadora responsável

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE ASSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Título do projeto: Assexualidade e diversidade sexual: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar

Pesquisadora responsável: Prof.a Dra. Taís Fim Alberti

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Departamento de Psicologia

Telefone para contato: (55) 992004573 (Prof.a Taís) ou (55) 981559949 (Jéssica)

Endereço: Avenida Roraima, no 1000, prédio 74B, sala 3208A, Camobi, Santa Maria/RS.

QUESTIONÁRIO DE ASSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

SEÇÃO 1 - CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

1.1) Qual sua idade?

- Entre 18 e 22.
- Entre 23 e 26.
- Entre 27 e 30.
- Entre 30 e 35.
- Entre 35 e 40.
- Entre 40 e 50.
- Mais de 50 anos.

1.2) Como você se classifica em relação à sua cor ou raça?

- Branca.
- Amarela.
- Preta.
- Pardo.
- Indígena.
- Outra.

1.3) Em relação à conjugalidade, você está?

- Solteiro(a).
- Casado(a).
- Divorciado(a).
- Em uma União Estável.
- Em um relacionamento (namoro).

1.4) Qual seu gênero?

- Feminino.
- Masculino.
- Não binário.
- Gênero fluido.
- Outro - qual?

1.5) Você se identifica como transgênero, travesti ou intersexo?

- Não.
- Sim, transgênero.
- Sim, travesti.
- Sim, intersexo.

1.6) Você se identifica como aromântico?

- Sim.
- Não.

1.7) Se você se identifica como romântico, como você descreveria sua romanticidade?

- Birromântico.
- Homorromântico.
- Héterorromântico.
- Não me identifico como romântico.
- Outro - qual?

SEÇÃO 2 - SOBRE SUA ASSEXUALIDADE

2.1) Você se identifica como assexual?

- Não.
- Sim, como assexual estrito.
- Sim, como demissexual.
- Sim, como grey-A.
- Outro - qual?

2.2) Se você se identifica como assexual, com que idade você passou a identificar-se assim?

- Com menos de 18 anos.
- Entre 18 e 22.
- Entre 23 e 26.
- Entre 27 e 30.
- Entre 30 e 35.
- Entre 35 e 40.
- Entre 40 e 50.
- Mais de 50 anos.
- Não me identifico como assexual.
- Ainda estou me descobrindo.

2.3) Se você se identifica como assexual, você já falou isso para alguma outra pessoa? (marque quantas necessárias)

- Sim, para familiares.
- Sim, para amigos.
- Sim, para colegas de trabalho.
- Sim, para pessoas online.
- Sim, para professores ou profissionais da saúde.
- Não.

2.4) Como você conheceu a assexualidade?

- Na escola (com professores ou atividades educativas).
- Com amigos.
- Pela internet.
- Por meio da televisão (seriados, reportagens, programas).
- Por rádio ou podcast.
- Outro.

2.5) Você já foi discriminado por ser assexual? (marque quantas necessárias)

- Não.
- Sim, por familiares.
- Sim, por amigos.
- Sim, por colegas de trabalho.
- Sim, por professores.
- Sim, por profissionais da saúde.

SEÇÃO 3 - CARACTERIZAÇÃO DO PERCURSO ESCOLAR

3.1) Qual seu maior nível de escolaridade?

- Ensino Fundamental incompleto.
- Ensino Fundamental completo.
- Ensino Médio completo.

- Ensino Superior incompleto.
- Ensino Superior completo.
- Especialização.
- Mestrado.
- Doutorado.

3.2) Em que ano você concluiu seu ensino fundamental?

- Antes de 1990.
- Entre 1991 e 1995.
- Entre 1996 e 2000.
- Entre 2001 e 2005.
- Entre 2006 e 2010.
- Entre 2011 e 2015.
- Entre 2016 e 2020.
- Entre 2021 e 2022.
- Não concluí o ensino fundamental.

3.4) Em que ano você concluiu seu ensino médio?

- Antes de 1990.
- Entre 1991 e 1995.
- Entre 1996 e 2000.
- Entre 2001 e 2005.
- Entre 2006 e 2010.
- Entre 2011 e 2015.
- Entre 2016 e 2020.
- Entre 2021 e 2022.
- Não concluí o ensino médio.

3.5) Como você realizou seus estudos do Ensino Fundamental?

- Escola pública.
- Escola particular.
- Parte em escola pública, parte em escola particular.
- Supletivo.

3.6) Como você realizou seus estudos do Ensino Médio?

- Escola pública.
- Escola particular.
- Parte em escola pública, parte em escola particular.
- Supletivo.
- Não cursei Ensino Médio.

3.7) Você cursou algum ano de sua educação básica (médio ou fundamental) fora do Brasil?

- Não.
- Sim, menos 2 dois anos.
- Sim, entre 2 e 5 anos.
- Sim, mais que 5 anos.

SEÇÃO 4 - SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL ESCOLAR

4.1) Você teve alguma aula, palestra ou discussão sobre educação sexual em sua escola?

- Sim.
- Não.

4.1.1) Se você respondeu sim na questão anterior, descreva como essa temática foi trabalhada.

4.2) Você teve aulas sobre o aparelho reprodutivo masculino e feminino?

- Sim.
- Sim, apenas feminino.
- Sim, apenas masculino.
- Não.

4.3) Você acredita ser importante ter aulas sobre o aparelho reprodutivo masculino e feminino?

- Sim.
- Não.

4.4) Você teve aula sobre métodos contraceptivos (pílula, DIU, camisinha, tabela)?

- Sim.
- Não.

4.5) Você acredita ser importante ter aulas sobre métodos contraceptivos?

- Sim.
- Não.

4.6) Você teve aula sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)?

- Sim.
- Não.

4.7) Você acredita ser importante ter aula sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)?

- Sim.
- Não.

4.8) Sua educação sexual mencionou alguma vez outras possibilidades de relacionamentos românticos (sem sexo ou não monogâmicos)?

- Sim.
- Sim, apenas relacionamento afetivos sem sexo.
- Sim, apenas relacionamentos não monogâmicos.
- Não

4.9) Sua educação sexual escolar abordava relações sexuais como algo compulsório na vida dos indivíduos?

- Sim
- Não

4.10) Você já sentiu-se desconfortável em alguma aula de educação sexual?

- Sim
- Não

4.10.1) Se respondeu sim na anterior, por favor, explique o que motivou seu desconforto.

SEÇÃO 5 - ASSEXUALIDADE NA ESCOLA

5.1) Sua educação sexual escolar falou sobre a comunidade LGBT (diversidade sexual)?

- Sim, de forma superficial.
- Sim, de forma aprofundada.
- Não.

5.2) Você acredita ser importante discutir sobre diversidade sexual no ambiente escolar?

- Sim.
- Não.

5.3) Sua educação sexual escolar mencionou/trabalhou a assexualidade?

- Sim, de forma superficial.
- Sim, de forma aprofundada.
- Não.

5.4) Em sua opinião, sua educação sexual escolar o(a) ajudou a descobrir-se como assexual? Por quê?

5.5) Você sentia-se diferente de seus colegas na escola quando a temática envolvia sexualidade? Se sim, explique.

5.6) Você já sofreu alguma discriminação no ambiente escolar por ser assexual?

- Sim.
- Não.

5.6.1) Se você respondeu sim na questão anterior, por favor descreva o ocorrido.

SEÇÃO 6 - PROPOSTAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO SEXUAL

6.1) Quais tópicos você acredita serem importantes de serem trabalhados na educação sexual escolar?

6.2) Se você é assexual, existem tópicos em educação sexual que, por não terem sido trabalhados em sua escola, lhe trouxeram prejuízos que o(a) afetam no futuro?

6.3) O que você julga ser importante de ser trabalhado nas escolas, em educação sexual, para que as necessidades de pessoas assexuais sejam contempladas?

APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE PARA ATENDIMENTO PSICOLÓGICO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE APOIO À PESQUISA 2022

O Núcleo de estudos, pesquisa e extensão Compartilha, vinculado ao Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Psicologia e Educação (GEPEPE) coordenado pela Prof^ª Dr^ª Taís Fim Alberti, e Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre Violência e Contextos Sociais (GEPEVICS) coordenado pela Prof^ª Dr^ª Samara Silva dos Santos, do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), manifesta o seu apoio ao projeto “Assexualidade e diversidade sexual: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar” desenvolvido pela graduanda Jéssica do Passos Coletto e sua orientadora, Prof^ª Dr^ª Taís Fim Alberti, do Curso de Psicologia, através da disponibilidade de atendimento psicológico aos participantes de sua pesquisa, caso necessário, sendo o mesmo acolhido pelos psicólogos vinculados ao projeto: Transformar.Formação e Práticas em Psicologia, registrado com número 055038.

Prof^ª Dr^ª Taís Fim Alberti

Prof^ª Dr^ª Samara Silva dos Santos